



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

Verônica Garcia Simões

**Saberes e Sabores:
Ensino de História e a
Culinária da Festa de
Folia de Reis em
Iguatama - MG
(2020 – 2022)**

Universidade Federal de Uberlândia

Novembro/2022





PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

VERÔNICA GARCIA SIMÕES

**SABERES E SABORES: ENSINO DE HISTÓRIA E A CULINÁRIA DA FESTA DE
FOLIA DE REIS EM IGUATAMA – MG (2020 – 2022)**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA – UFU, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Ensino de História

Linha de pesquisa: Saberes históricos em diferentes espaços de memória

Orientador: Guilherme Amaral Luz

UBERLÂNDIA/MG
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S589s
2022 Simões, Verônica Garcia, 1995-
Saberes e sabores [recurso eletrônico]: ensino de história e a
culinária da festa de Folia de Reis em Iguatama – MG (2020-2022) /
Verônica Garcia Simões. - 2022.

Orientador: Guilherme Amaral Luz.
Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.6009>
Inclui bibliografia.

1. História - Estudo e ensino. I. Luz, Guilherme Amaral, 1974-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
Graduação em História. III. Título.

CDU: 930:37

Rejâne Maria da Silva - CRB6/1925
Bibliotecário Documentalista



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, 2º piso, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4395 - inhis@ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Ensino de História				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional, 10, PPGEH				
Data:	doze de dezembro de dois mil e vinte e dois	Hora de início:	14h00	Hora de encerramento:	16h45
Matrícula do Discente:	12012HRN014				
Nome do Discente:	Verônica Garcia Simões				
Título do Trabalho:	Saberes e Sabores: Ensino de História e a Culinária da Festa de Folia de Reis em Iguatama-MG (2020-2022)				
Área de concentração:	Ensino de História				
Linha de pesquisa:	Saberes históricos em diferentes espaços de memória				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Sun Lutang e Morihei Ueshiba: mito, maravilha e mistério na modernização das artes marciais asiáticas. China e Japão (1860-1969)				

Reuniu-se, por meio de webconfência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em [Ensino de História](#), assim composta: Professores Doutores: [Guilherme Amaral Luz - INHIS/UFU](#), orientador da candidata; [Maria Andréa Angelotti Carmo - INHIS/UFU](#) e [Marcelo Santos de Abreu - UFOP](#).

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. [Guilherme Amaral Luz](#), apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

[Aprovada.](#)

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de [Mestre](#).

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Amaral Luz, Professor(a) do Magistério Superior**, em 12/12/2022, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Andrea Angelotti Carmo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 12/12/2022, às 16:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Santos de Abreu, Usuário Externo**, em 12/12/2022, às 16:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4071480** e o código CRC **9417A257**.

AGRADECIMENTOS

Em março de 2022 eu pari minha primeira filha, a Luna. Desde então eu venho no trabalho de parto dessa dissertação, e finalmente ela nasceu. Confesso que teria sido mais fácil parir minha filha novamente, mais prazeroso até. São dores diferentes. Mas eu consegui, e não foi sozinha.

Inúmeras vezes, quando eu deitava a cabeça no travesseiro, me culpando por não conseguir escrever ou ler o quanto eu gostaria, por falta de ânimo, outras demandas que priorizei ou procrastinação, eu pedia aos Três Reis Magos que me concedessem força para continuar e finalizar esse processo. À eles e a Deus, força maior no Universo, a minha gratidão. Se não fosse por meus pais, eu nem estaria aqui nesse momento digitando esses agradecimentos. Quero deixar registrado um agradecimento ao meu pai José, que fez sua passagem ao mundo espiritual no dia 25 de dezembro de 2021. Acredito que de onde estiver, deve estar orgulhoso. Agradeço à minha mãe Eva, que sempre acreditou em mim, mesmo quando eu mesma não acreditava. Ela sempre me incentivou a estudar, e nunca duvidou da minha capacidade. Eu já disse várias vezes, mas agora escrevo: ela é a melhor. Melhor mãe e agora melhor avó. Também quero agradecer ao meu irmão Jonas, que também já fez sua passagem para o mundo espiritual em 4 de outubro de 2015. Ele estava produzindo sua dissertação para obtenção do título de mestre. Mas para quem o conhecia, mestre já era o seu pronome de tratamento, o nosso Mestre Jonas. Agradeço a minha tia Tata, por sempre apoiar minhas decisões e por cuidar e se divertir com a Luna quando preciso sair para trabalhar, quando precisei escrever e estudar ou quando preciso descansar. Agradeço ao meu esposo, Marco Tulio, por compartilhar seu conhecimento sobre a Folia de Reis e sua fé nos três Reis. Tenho muita gratidão pela vida e pela saúde da minha amiga Glória, por sempre me impulsionar a buscar novos desafios. Agradeço a minha amiga Déia, mestra pelo ProfLetras, por compartilhar as angústias do processo dissertativo. Agradeço também aos meus amigos e amigas, especialmente Bia, Marielen e Luiz Gustavo, que mesmo longe, consigo sentir tão perto, dentro do coração. Agradeço aos funcionários e funcionárias, da Escola Estadual Paula Carvalho. Agradeço aos meus alunos e alunas, sem eles esse trabalho não poderia ter sido idealizado. Agradeço ao ProfHistória – UFU pela oportunidade de aprimoração profissional e acadêmica. Agradeço ao meu orientador Guilherme Amaral Luz, por depositar confiança no meu trabalho e me orientar de forma libertadora. Por fim, agradeço de antemão as pessoas que terão contato com essa pesquisa e com o produto oriundo dela. Espero que a leitura possa contribuir de forma positiva para o repertório do Ensino de História.

RESUMO

Este trabalho tem como foco principal a culinária da festa de encerramento da Folia de Reis. Sendo esta uma dissertação para um mestrado profissional em Ensino de História, a ideia para a proposição é a elaboração de uma sequência didática, na qual seja possível refletir sobre a culinária festiva da Folia e sobre as aprendizagens históricas que ela pode oferecer, levando em conta as suas dimensões sensitivas e inconscientes. No centro oeste do estado de Minas Gerais, na cidade de Iguatama, a Folia de Reis é uma tradição muito presente. A pesquisa concentra-se em explorar as tradições festivas de Folia de Reis da cidade, por meio de contextualização dos grupos de Folias de Reis e a da festa propriamente dita. Utiliza-se a metodologia de autoetnografia. Busca-se compreender esse espaço-tempo de preparação da comida como um ambiente sinestésico capaz de mobilizar memórias e saberes históricos para uma experiência viva das tradições locais. Ao cozinhar, não aprendemos apenas uma receita, mas também a história de uma tradição, dos personagens envolvidos e do modo de seu preparo. Ao degustar os pratos oferecidos na festa, além de sentir o gosto através do paladar, esse mesmo gosto pode provocar sensações de identificação com a tradição e sua memória.

Palavras-chave: Ensino de História, Cultura Popular e Saberes Tradicionais, Memória e Identidade, Folia de Reis, Culinária, Estesia.

ABSTRACT

This work has as its main focus the cuisine of the closing party of “Folia de Reis”. As this is a dissertation for a professional master's degree in History Teaching, the idea for the proposal is the elaboration of a didactic sequence, in which it is possible to reflect on the festive cuisine of Folia and on the historical learning it can offer, taking into account its sensitive and unconscious dimensions. In the west center of the state of Minas Gerais, in the city of Iguatama, the “Folia de Reis” is a very present tradition. The research focuses on exploring the festive traditions of “Folia de Reis” in the city, through the contextualization of the groups that organize the party and the party itself. The chosen methodology is autoethnography. The understanding of space-time of food preparation as a synesthetic environment capable of mobilizing memories and historical knowledge for a living experience of local traditions is sought. When cooking, not only do we learn a recipe, but also the history of tradition, the characters involved and the way it is prepared. When tasting the dishes offered at the party, in addition to feeling the taste through the palate, that same taste can provoke feelings of identification with the tradition and its memory.

Key words: History Teaching, Popular Culture and Traditional Knowledge, Folia de Reis, Cuisine, Aesthesia

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Eu, Verônica, no balanço.....	16
Foto 2 – Tio Anovar arrancando mandioca.....	16
Foto 3 – Logo do Município Gestão 2021-2024.....	24
Foto 4 – Escola Estadual Paula Carvalho em 2022.....	27
Foto 5 – Trempes montadas de barro para a Festa do Alto São Francisco em 2022.....	38
Foto 6 – Trempes montadas de barro para a Festa do Alto São Francisco em 2022.....	38
Foto 7 – Folia das Perdizes.....	40
Foto 8 – Folia da Boa Vista.....	40
Foto 9 – Folia Pacheco.....	41
Foto 10 – Doces de leite e de mamão.....	52
Foto 11 – Batatas e macarrão esperando para serem servidos.....	53
Foto 12 – Folia do Alto São Francisco chegando ao galpão da Festa.....	53
Foto 13 – Palhaço da Folia do Alto São Francisco.....	57

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS EM IGUATAMA.....	15
2.1 “Do Velho Porto Real do São Francisco à cidade de Iguatama”.....	19
2.2 A educação em Porto Real e Escola Estadual Paula Carvalho em Iguatama.....	24
2.3 As manifestações culturais em Iguatama.....	34
3. A IDENTIDADE E A MEMÓRIA MOBILIZADAS NA FOLIA DE REIS.....	38
3.1 A memória individual e coletiva na arte de narrar histórias.....	43
4. SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	57
4.1 Saberes e Sabores: A Festa de Folia de Reis na Escola.....	57
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	63
ANEXOS.....	66

1. INTRODUÇÃO

Nasci na cidade de Osasco, localizada na zona metropolitana de São Paulo. Lá eu morei durante minha infância até a adolescência. Nos meses de férias escolares, eu, minha mãe, meu irmão, e meu pai viajavamos para Iguatama, região Centro Oeste de Minas Gerais, onde moro e atuo como professora de História atualmente. Aqui eu vivi a minha infância de forma plena; brincava na rua e na praça com meus colegas, na fazenda com meus primos e no quintal sozinha, imaginando fazer comidinha de barro. Além disso, eu encontrava minha avó materna, que sempre cozinhou com maestria. Com ela, eu aprendi a fazer pão de queijo. “Você tem que amassar bem, até a massa ficar lisinha”, ela dizia. Mas na minha pouca idade, cabia-me besuntar a mão de óleo e fazer as bolinhas.

Daí em diante, meu gosto pela culinária foi crescendo. Quando retornávamos para Osasco, minha mãe, educadora de alma e formação, perpetuava os ensinamentos. Mas o retorno para Iguatama era esperado. Aqui a liberdade cantava, juntamente com a Folia de Reis nos meses de dezembro e janeiro, período marcado pela celebração católica cristã do nascimento de Jesus Cristo; tempo de agradecimento e confraternização. Os foliões chegavam para tocar, abençoar a casa e pedir as doações para realização da Festa de encerramento. Em uma dessas visitas, eu com poucos anos de idade, resolvi doar os vinte reais que minha avó havia me presenteado. Como na época valia muito, ela questionou minha mãe, na tentativa de me impedir, porém sem sucesso. Através do sentimento de doação, eu me inseri dentro do ciclo “Dás e receberás”, de extrema importância no contexto de uma festividade que celebra o nascimento de um líder, que dedicou sua existência buscando ensinar sobre o amor e a generosidade entre os seres humanos.

Em 2020, tive a oportunidade de acompanhar de perto a preparação dos pratos típicos, na festa da Folia do Pacheco, ajudando em tarefas simples, mas significativas, como lavar as louças, descascar os alimentos e servir a refeição depois de pronta. A partir dessa experiência, juntamente com a intenção de materializar, em forma de pesquisa, essa tradição alimentícia que permeia a minha história e a da cidade, nasceu a intenção de dialogar com o saber histórico, o saber culinário tradicional da festividade. Ao acessar esse conhecimento, questionarei o que essa experiência tem a dizer sobre as tradições culturais locais, o que se aprende dentro daquela cozinha festiva além da prática de cozinhar, que modos de sociabilidade e convivência envolvem o ensino-aprendizagem da história local e as formas de

narrar a memória local no contexto das festas. Em suma, a partir das suas práticas culinárias tradicionais, quais os saberes e memórias estão ali mobilizados?

Sendo o conceito da somaestética, o estudo da percepção da consciência corporal nas experiências que vivenciamos, Richard Shusterman evidencia que “há coisas que somente podemos conhecer praticando, escutando e entendendo através do corpo, pois as palavras apenas rodeiam essa experiência e sua sabedoria própria” (SHUSTERMAN, 2012, p. 12). Shusterman vai de encontro a uma concepção que o corpo e a mente estão ligados no sentido de apreciação e aprimoramento consciente de experiências físicas e subjetivas.

Por ora, podemos dizer rapidamente que a somaestética se volta para o estudo crítico e para o cultivo melhorativo de como experienciamos e usamos o corpo vivo (ou soma) como lugar de apreciação sensorial (estesia) e de autoestilização criativa. O termo “soma” indica um corpo vivo, senciente e sensível, e não um mero corpo físico que poderia estar desprovido de vida e de sensação, e o “estética” em “somaestética” tem o papel duplo de enfatizar o papel perceptivo do soma (cuja intencionalidade corporificada contradiz a dicotomia corpo/mente) e seus usos estéticos tanto na autoestilização como na apreciação das qualidades estéticas de outras pessoas e coisas. (SHUSTERMAN, 2012, p. 26).

O corpo humano se constitui como um campo de percepção da relação que temos com o mundo, mas também atua nas atribuições de sentido subjetivo das vivências, constituindo a própria identidade.

O corpo expressa a ambiguidade do ser humano, tanto como sensibilidade subjetiva que experiencia no mundo, quanto como objeto percebido nesse mundo. Por ser uma subjetividade irradiadora que constitui “o centro mesmo de nossa experiência”, o corpo não pode ser entendido adequadamente como mero objeto; no entanto, ele inevitavelmente também funciona em nossa experiência como objeto de consciência, inclusive da consciência corporificada do indivíduo. (SHUSTERMAN, 2012, p. 28).

Ainda que a percepção corporal esteja mais ligada ao seu uso no sentido de manipular o mundo ao seu redor do que como um espaço de apreensão, a somaestética vem para contribuir a interação entre ação, percepção e pensamento na construção do ser e estar no mundo. Sendo que, a partir do entendimento dessa interação, se possa cultivar uma vivência melhorada das sensações subjetivas, corpóreas e mundanas. Segundo Sócrates, filósofo grego, um Estado se torna justo quando regido corretamente pela sua diversidade de cidadãos, onde cada grupo age na sua melhor forma em benefício de toda a comunidade. Os filósofos, com seu papel de guiar o ensino e orientar a educação, garantindo organização mental em que a justiça possa ser executada, “(...) Sócrates insiste que temos de discutir questões estéticas.

Não apenas nossos intelectos, mas também nossos sentimentos e desejos devem ser educados para reconhecer e apreciar essa ordem correta, de modo que a desejemos e amemos” (SHUSTERMAN, 2012, p. 180).

Induzido na noção de estética, para Platão a apreciação da arte é perigosa por apelar para a emoção que o subjetivo causa à alma, perturbando a mente do cidadão. No entanto, Friedrich Schiller argumenta que o “valor educativo da arte para a virtude e para a justiça humana é mais uma vez explicado pela psicologia humana” (SHUSTERMAN, 2012, p. 181). Com isso, Richard Shusterman chega ao ponto crucial da Somaestética para Ludwig Wittgenstein, de como os sentimentos corporais executam um papel importante dentro da filosofia da mente e da estética dentro da teoria ética e política.

As emoções são produto da mente, experienciadas pelo corpo. Nossos atos não podem ser explicados simplesmente pelos cinco sentidos cinestésicos que os acompanham. As ações voluntárias, bem como as emoções, têm sua explicação em todo um contexto de vivências, propósitos e hábitos. “Um indivíduo é muito mais do que sua cabeça, e sua vida mental estende-se muito além das sensações nela”. Ainda que nossos movimentos corpóreos não sejam reflexivos, como colocado o exemplo do ato de escrever. As mãos que digitam esse texto, o escreve aquilo que quer ser escrito. Não é um ato surpresa, que causa espanto ou excitação em relação a próxima palavra que será digitada. Tal qual, essa observação pode impedir a fluidez da ação futura. (SHUSTERMAN, 2012, p. 185).

No entanto, “esse entendimento efetivo da vontade e da ação voluntária também pode ser ampliado pela atenção disciplinada aos sentimentos somaestéticos” (SHUSTERMAN, 2012, p. 191). Por aí percebe-se que, quanto mais sensibilidade dispormos no olhar atento aos sentimentos do corpo, maior será a percepção do sujeito em si, “como também nos dota de maiores capacidade, facilidade e fama de movimentos somáticos, que podem dar a nossos órgãos sensoriais um maior escopo para nos dar conhecimento do mundo” (SHUSTERMAN, 2012, p. 197).

As disciplinas de treinamento somaestético podem portanto reconstruir nossas atitudes ou hábitos de sentimento e também nos dar maior flexibilidade e tolerância a diferentes tipos de sentimentos e comportamentos somaestéticos. Isso é um lugar-comum na gastronomia, na educação física e nas terapias somáticas; mas a ética filosófica e a teoria política modernas não lhe deram atenção suficiente. (SHUSTERMAN, 2012, p.203).

Enfatizando o campo gastronômico, a arte de cozinhar, “retirando a premissa de alimento para o estômago daquele que tem fome, a comida também foi aceita sob a conotação de alimento para a alma na cultura ocidental” (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 140). Necessariamente uma alma possui um corpo, e esse corpo é que experimenta inicialmente as chamadas

experivivências biográficas e fronteiriças –, que produzem saberes que estão atravessados na arte, na cultura, na gastronomia e nos seus conhecimentos cotidianos e de espaços específicos, não estão contemplados, por exemplo, em nosso modelo de educação atual. Primeiro porque o saber disciplinas, quase sempre, não consegue, por melhor esforço que faça, contemplar as diferenças básicas: geográficas, históricas, sociais, econômicas e culturais. Por exemplo, a disciplina de Geografia não consegue abordar a multiplicidade de espaços geográficos pela ótica do estudante, a fim de fazê-lo perceber seu bairro; História ainda trabalha conteúdos de perspectivas historiográficas unilaterais que privilegiam sempre os vencedores das guerras e nunca o lado contrário; (...) E não diferente, Arte e Educação, (...) na universidade ou na escola Educação Básica, sequer conseguem ver produção de conhecimentos em atividades cotidianas: alimentar-se, tomar um banho, brincar e praticar esportes ou mesmo em conversas paralelas entre colegas e amigos de trabalho. (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p.143).

O modelo educacional concebido como “bancário”, a partir de Paulo Freire (1987), é aquele no qual “(...) o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é ‘encher’ os educandos dos conteúdos de sua narração.” (FREIRE, 1987. p.37). Porém, ao tratar das múltiplas percepções que a culinária pode evidenciar dentro das já mencionadas experivivências, que se referem as histórias, memórias, lembranças, vivências e experiências (BESSA-OLIVEIRA, 2019. p.144), nota-se a necessidade de construir o conhecimento de forma conjunta, propondo um exercício e o desenvolvimento de autonomia.

E esta autonomia no corpo do educando, como argumentou Paulo Freire, não é trazida à base de transmissão de conhecimentos de modo acumulativo e cronológico. Pois, dessa forma, expomos o estudante, seja na Educação Básica ou na Universidade, a uma série de argumentos matemáticos, históricos, geográficos, físicos, químicos e igualmente da arte ou pedagógicos, entre outros, de imposição disciplinar moderna que privilegia um conhecimento específico em detrimento de saberes culturais diversos. Por exemplo, no caso da alimentação, as disciplinas escolares não fazem outra coisa se não tratá-la como alimento no intervalo (recreio) das aulas, ou quando muito, como formas de entretenimento dos estudantes, (...). (BESSA-OLIVEIRA, 2019. p.152)

Ao tratar de ensino-aprendizagem e alimentação, com pratos especificamente introduzidos num contexto local de festa popular, como a Folia de Reis, busca-se promover a

associação entre a culinária presente na manifestação cultural e a produção de conhecimento. Mas também consiste em “(...) rememorar o ambiente familiar, por exemplo, da família em volta do fogão ou da mesa da cozinha de casa contando histórias cotidianas através, inclusive, do fazer como ato de convivência do conhecimento sobrevivendo.” (BESSA-OLIVEIRA, 2019. p.154).

Neste contexto, observa-se que aspectos culturais de uma determinada sociedade, são absorvidos e transmitidos pelos indivíduos tanto na esfera pública quanto privada. A cultura é transmitida entre gerações nos núcleos familiares, fundamentalmente como uma condição de existência. É um saber que inclui a memória familiar, a posição social, a religiosidade, valores e aspirações sociais, visões de mundo, costumes e habilidades (THOMPSON, 1993, p.9). No âmbito público, é crescente o movimento de patrimonialização dos saberes e das práticas culinárias nacionais e internacionais, sendo reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial.

A Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) considera as “tradições e expressões orais, incluindo o idioma (...); expressões artísticas, práticas sociais, rituais e atos festivos; conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo e técnicas artesanais tradicionais” (SANTILLI, 2015, p. 587), como manifestações do Patrimônio Cultural Imaterial. Com isso, no Brasil, as rodas de capoeira e o frevo do carnaval recifense, pertencem a essa categoria de bens culturais. “Mais recentemente, a Unesco tem incluído em sua Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade diversas comidas, saberes e práticas alimentares” (SANTILLI, 2015, p. 588). A dieta mediterrânea, gastronomia tradicional mexicana e francesa, o pão de gengibre da Croácia e o sistema alimentar japonês chamado Washoku.

Alguns críticos consideram que a Unesco tem privilegiado sistemas alimentares já reconhecidos internacionalmente, e que as candidaturas são motivadas sobretudo por interesses comerciais e de promoção do turismo gastronômico. (...). Para outros analistas, em um contexto de comercialização da cultura, a patrimonialização permitiu que certos aspectos da culinária fossem selecionados por diferentes grupos sociais para afirmar sua identidade cultural/nacional e suas diferenças em relação a outros grupos, e ao mesmo tempo assegurar um nicho de mercado global das cozinhas étnicas e nacionais e valorizar as atividades humanas que estas envolvem. (SANTINI, 2015, p.590)

No Brasil, o Decreto nº 3.551/2000, estabeleceu o processo para que cada Estado promovesse o reconhecimento de seus bens culturais imateriais, juntamente com os grupos sociais envolvidos com o respaldo do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional). Ainda que, a Folia de Reis seja registrada como patrimônio cultural de Minas Gerais desde 6 de janeiro de 2017 pelo IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais), a culinária típica da festa não se destaca, visto que “em reunião realizada em 2005, a Câmara de Patrimônio Imaterial do Iphan entendeu que o instrumento de registro não se destina ao reconhecimento de receitas de comida” (SANTILLI, 2015, p.594).

Para o Iphan, a comida e seus modos de produção e consumo serão sempre considerados como parte do registro de celebrações, lugares e formas de expressão, ou como parte de sistemas agrícolas ou culinários, nos quais sejam identificados e claramente descritos os conhecimentos, saberes e técnicas implicados nos processos de seleção, apresentação produção e/ou obtenção de alimentos e seus modos de preparação e consumo, relacionados a grupos e/ou comunidades que lhes atribuem sentido e significado. Assim, seu valor cultural e patrimonial não reside em um prato típico ou em sua receita, mas nas práticas de comensalidade, nos rituais, e nos significados que lhes são atribuídos. (SANTILLI, 2015, p.594).

Pelas vivências em Festas de Folias ao longo da vida, mas principalmente por participar da dimensão culinária da Festa, auxiliando em pequenos processos a preparação da comida e posteriormente servindo, o momento de comer nesse contexto não é simplesmente o de alimentar e se saciar. A saciedade física vem através da ingestão do alimento, mas a experiência também abastece a memória e a identidade dos iguatamenses com a Folia, a Festa e a sua crença nos Santos Reis. Apoiada pela interdisciplinaridade da pesquisa, utilizo como fonte principal as minhas próprias vivências e percepções dentro da dinâmica social em que a festividade da Folia de Reis de manifesta.

A ideia inicial ao elaborar o projeto dessa dissertação, era que eu pudesse entrevistar de maneira formal integrantes do grupo da Folia do Pacheco para ter acesso a informações mais detalhadas a respeito do próprio grupo, da festa e da comida servida e, com isso, elaborasse uma oficina degustativa no ambiente escolar em que os alunos – na época optei por realizar com os nonos anos – pudessem experimentar a refeição em conjunto e dialogar sobre a experiência. No entanto, tive obstáculos em relação a submissão do projeto na Plataforma Brasil, aos quais optei por não enfrentar e assim, seguir com a pesquisa com algumas alterações.

Durante o fim de 2021 e começo de 2022, período em que os grupos de Folias retornaram a sair e tocar pelos bairros da cidade, a Folia do Pacheco foi a única que não saiu, então o foco do trabalho já não poderia estar somente nesse grupo. Não pude estar acompanhando integralmente os giros das Folias urbanas, e nem todos os preparativos da

comida da festa, pelo fato da minha filha, Luna, estar me solicitando periodicamente, visto que amamento em livre demanda. Isso significa que mesmo que eu ordene meu próprio leite e deixe para minha mãe ou minha tia ofertar para ela, ainda assim, se passo muitas horas longe, ela manifesta irritação por sentir minha falta. Mas nos dias que presenciei os preparos foi de muita conversa e observação com as pessoas presentes e dedicadas em cada função.

Em decisão conjunta, minha e do meu orientador Guilherme Amaral Luz, optamos por explorar o campo da autoetnografia. O acesso a bibliografia sobre esse tema é restrito, visto que as poucas obras existentes estão escritas em inglês, e ainda não foram traduzidas para o português (BOSSLE; NETO, 2009).

Entretanto, tenho percebido que, no Brasil, as pesquisas com enfoque autoetnográfico ainda são incipientes, principalmente no contexto pedagógico, em domínio escolar. No âmbito da educação brasileira, dentre os trabalhos construídos pelo viés autoetnográfico, assinalo as contribuições de Bossle e Molina (2009) acerca do trabalho de professores de educação física em duas escolas, as pesquisas de Silva (2011) sobre letramento literário em língua inglesa, e os estudos de Ono (2017) em relação ao formador de professores de inglês. (MAGALHÃES, 2018, p. 17).

A professora Ph.D. Heewon Chang de educação na Universidade de Eastern, na Pensilvânia nos Estados Unidos da América. Em seu texto “Autoethnography as Method” cita os autores Ellis e Bochner (2000) na definição em que a autoetnografia também é compreendida como uma autobiografia que busca explorar a introspecção, conectando o cultural ao pessoal (CHANG, 2008). O termo autoetnografia, foi utilizado pela primeira vez em 1975 pelo antropólogo Karl G. Heider, no qual o conceito de “self”, da tradução livre do inglês para o português, o eu, não seria um “eu” etnográfico e sim um “eu” informante (CHANG, 2008). O eu informante pesquisador, descreve o que presencia de forma íntegra, como parte daquilo que vê, e não de forma dissociada do que relata. Nesse sentido, pode-se definir a autoetnografia como uma

(...) abordagem de pesquisa desenvolvida por antropólogos para estudar a cultura e a sociedade, preocupando-se em investigar suas práticas, crenças, valores, significados e demais aspectos socioculturais. Dentre os pilares que sustentam a pesquisa etnográfica, encontra-se a interação prolongada entre o pesquisador e os participantes da investigação bem como a interação cotidiana do pesquisador no universo pesquisado. Nesse sentido, para Goldschmidt (1977, p. 294), “de certo modo, toda etnografia é autoetnografia”, na medida em que pressupõe envolvimento pessoal e um tipo específico de análise. (MAGALHÃES, 2018, p. 17).

O intuito é abrir espaço para que essa tradição religiosa e culinária seja abordada no ensino de história escolar, numa tentativa de mostrar que em uma cidade que muitos

estudantes dizem “não ter futuro”, existe uma riqueza de identidades sociais e culturais que precisam ser visibilizadas (sentidas, tocadas, ouvidas, degustadas...). A partir de uma proposta da elaboração de uma sequência didática, que envolverão discussões sobre a Folia de Reis, atendendo temáticas sobre cultura e tradição local, história da alimentação e assimilação sensitiva do paladar no corpo humano bem como da memória coletiva que o alimento mobiliza. É esperado que aos estudantes sejam capazes de se identificarem com os sabores da culinária tradicional da festividade, apropriando-se não somente do sabor palatável, mas da sensação corpórea como um todo, o que envolve memórias sinestésicas de ocasiões relacionadas à festa e aos seus modos de convívio.

2. MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS EM IGUATAMA

Nas minhas memórias de 4 a 5 anos de idade, chegar à cidade de Iguatama - MG representava liberdade, pois onde nasci e cresci, sair e brincar na rua não era uma realidade diária. Muitas vezes meu irmão foi companheiro nas brincadeiras, mas de uma forma geral, minha infância da cidade grande foi bem solitária. Eu sempre me ansiava para a chegada das férias escolares, para que assim eu e minha família pudéssemos visitar minha avó em Iguatama. A característica cidade do interior de Minas, hoje com aproximadamente oito mil habitantes, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística)¹, se tornou palco das melhores brincadeiras e convivências. Aqui fui livre para brincar na terra, na praça com outras crianças e apreciar a natureza na fazenda dos meus familiares, momentos que seriam impossíveis em Osasco – SP.

As lembranças da infância aqui são as melhores. Pode-se dizer que a casa da minha avó, hoje minha e de minha mãe, é um pequeno sítio, com sete mil metros quadrados, com uma boa casa envolta de uma terra fértil. Meu tio Anovar cuidava daqui como se fosse dele. Sempre caprichoso podando os pés de uvas, mantendo o cultivo de milho e mandioca, regando os pés de jaboticaba, manga, acerola, laranja, mexerica e amora. Na época da plantação de milho, minha mãe e minhas tias se juntavam para fazer pamonha, mingau, broa de milho, bolinho frito de milho e muitos quitutes mais. Era muita fartura, e muita gente para comer também. Na época de arrancar a mandioca da terra, meu tio conseguia puxar as raízes inteiras de uma vez da terra. Minha mãe e minha avó se dedicavam por dias no preparo da farinha, ralando a mandioca, colocando para secar e torrando depois. Eram tempos momentos extraordinários em família, onde o aprendizado corria como água de um rio.

¹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/iguatama/panorama> (Acesso em 14/07/2021).



Foto 1 – Eu, Verônica, no balanço / Fonte: Arquivo pessoal



Foto 2 – Tio Anovar arrancando mandioca / Fonte: Arquivo pessoal

Por falar em rio, Iguatama é conhecida por ser a primeira cidade banhada pelo Rio São Francisco. O próprio nome da cidade, de origem indígena tupi-guarani, faz referência ao caminho curvo que o rio percorre ao passar por aqui. Pode-se traduzir “Iguatama” por “terra

onde o rio faz a curva” ou de acordo com o Wikipédia², “lugar onde o rio se abre em curvas”. Em épocas de chuva torrenciais, as cheias acontecem, inundando pontos mais próximos às suas margens. Ir visitar a enchente era e ainda é um evento, mas com o passar dos anos, devido a diminuição do volume de chuvas, as cheias vem se tornando cada vez mais raras.

O contato com a natureza me encantava e continua encantando. Brincava de fazer comida com barro, folhas e flores. Passava horas no galinheiro de minha avó pintando as unhas dos pintinhos. Me divertia no meio das vacas e bezerros na fazenda dos meus primos. E voltava para SP cheia de histórias para contar. A tradição da Folia de Reis sempre foi presente na minha família. Todos os anos, minha avó abria as portas para todos os grupos que viessem pedir para tocar. Eu, muito tímida, por vezes me escondia dentro do quarto e só ouvia a cantoria de longe. Quando fui pegando mais idade, na medida que entendi o verdadeiro significado do grupo e das visitas nas casas, fui me interessando mais. Até porque, sempre estive presente nas festas de encerramento da Folia, onde a comida, sempre servida com fartura, era deliciosa.

Quando comecei a participar e recebendo os grupos junto com minha avó, minha mãe e minhas tias, fui tomando conhecimento desse processo de recepção. Os grupos chegavam e pediam licença para tocar. Minha avó, sempre permitia, logo em seguida a bandeira do santo ao qual o grupo da Folia era devoto, era entregue para que ela passasse em todos os cômodos da casa, como uma forma de abençoar o lar. Por fim, retornando com a bandeira do lado de fora da casa, o grupo começava a cantar.

Ao findar as férias, a volta para São Paulo era triste. Sempre prevalecia o sentimento de que era em Minas que eu deveria ficar. Porém, com o passar dos anos, as visitas foram tomando uma forma triste, com o falecimento de minha avó, meu tio, meu irmão e demais familiares. Um lugar que foi marca de memórias maravilhosas da família reunida, hoje é banhado por lembranças de saudade. Até meus 18 anos, prevaleci nesse ultrapassar de fronteiras entre São Paulo e Minas Gerais. Até que, em 2014, fui aprovada para cursar a graduação de História na Universidade Federal de Ouro Preto. A partir daquele ano, a rota da viagem se inverteu; eu moraria em MG e visitaria SP nas férias.

No início, senti muito a saída da casa da minha mãe, não por dependência em relação aos afazeres domésticos, mas por saudade da convivência. Mas para minha sorte, ela como

² Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iguatama> (Acesso em 22/07/2021).

sempre foi muito companheira, sempre me visitava e aproveitávamos as belezas de Ouro Preto e Mariana, duas cidades maravilhosas. Foram anos vividos com muita intensidade. Conheci amigos e amigas que levarei para a vida toda. Aprendi a conviver com as diferenças. Tive a perda do meu irmão em 2016, o que me forçou a trancar um período e juntar forças que eu não imaginava que teria para retomar e finalizar a graduação. Me formei. Festejei com minha família, amigos e amigas. Fiz a prova do concurso Estadual de Minas Gerais; apenas uma vaga para professor de História em Iguatama. Fui aprovada e convocada.

Ao chegar na Escola Estadual Paula Carvalho, única escola estadual de Iguatama, todos os olhos estavam em mim. Olhos curiosos, invejosos e admirados também. Eu era a funcionária mais nova na instituição, quase me confundiam com os estudantes, que demonstraram muita empolgação a ter uma professora jovem. Eu os questionava o motivo, e eles me justificavam o modo arcaico em que eram tratados pelos demais professores. Eu desde o início, busquei estabelecer uma relação amigável com as turmas, onde eu pudesse ouvi-los mas também ser ouvida. Meus colegas de trabalho foram receptivos, exceto por um, o professor que havia ficado em segundo lugar na lista de nomeação do concurso. Nele que estavam os olhos invejosos, a ponto de me insinuar pedir remoção para a cidade vizinha, para que assim ele pudesse ser nomeado em meu lugar.

Nesse ano de 2021, completam-se três anos de docência, e nesse período pude conhecer um pouco da percepção que os estudantes, juventude iguatamense, tem da sua própria cidade. Muitos deles, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio (9º e 3º ano), relatavam uma falta de perspectiva de futuro em relação à cidade. Isso consiste mais na falta de oportunidades de emprego e lazer escasso. Não tem incentivo ao esporte, a atividades artísticas e culturais, e até mesmo atividades educacionais, como cursos técnicos ou profissionalizantes. O comércio local também não possui força. Já passei diversas vezes pela situação de buscar um produto específico, seja em acessórios ou vestuário, até mesmo do gênero alimentício, e ver a necessidade de buscar nas cidades vizinhas.

Esse é um ponto muito observado recentemente; a evasão de Iguatama para outras cidades, com o objetivo de buscar o que falta aqui, seja consumo de produtos, de lazer ou até mesmo uma cidade que ofereça melhores condições de vivência. Inclusive, é uma das preocupações da direção da Escola que as mudanças de famílias e seus/suas jovens estudantes, causem diminuição no número de turmas, diminuindo o número de aula para os profissionais docentes. Mas Iguatama nem sempre foi assim. Anteriormente nomeada de

“Porto Real”, devido ao movimento pessoas e cargas nas margens do Rio São Francisco, Iguatama foi um local de grande desenvolvimento agropecuário e industrial.

2.1 “Do Velho Porto Real do São Francisco à cidade de Iguatama”

Um dos mais significativos empreendimentos da Coroa Portuguesa nos primórdios do século XVIII, teria sido, sem dúvida, a abertura de uma estrada que ligasse a Capitania de Minas à Capitania de Goiás, destinada a dar acesso às minas auríferas, então descobertas entre 1721 e 1725, nas margens do Rio Araguaia, estrada que tomaria o nome de Picada de Goiás, cuja localização é ainda hoje tema polêmico, debatido entre os pesquisadores da nossa história. (...). Esta Picada assim estabelecida, ora partia da Vila de Pitangui, centro de irradiação, passava por São Bento do Tamanduá, ganhava a Vila de Formiga, para atingir a margem direita do Rio São Francisco, (...) com destino à Capitania de Goiás. Partia também da Vila de São João (São João Del-Rei) e seguindo rumo a noroeste, passando também pela Vila de São Bento (Itapecerica) e pela Vila de Formiga para alcançar a margem direita do Rio São Francisco, (...) também com destino à Capitania de Goiás. Vê-se que tanto partindo da Vila de Pitangui, como da Vila de São João, a antiga Picada de Goiás passava forçosamente pelo Rio São Francisco em um único local que era aquele porto fluvial, até então chamado Porto Velho das Laranjeiras e que, depois de estabelecida a Picada, passou a chamar-se Porto Real do São Francisco, donde se conclui que a sua existência é anterior ao ano de 1733. (CAMPOS, 1983, p. 23).

Djalma Garcia Campos foi um advogado natural de Iguatama, que dedicou parte de sua vida afim de sistematizar e escrever sobre a história e genealogia familiar da cidade. A partir desse estudo desenvolveu o livro “*Iguatama – História e Genealogia*” (1983), no qual a partir da citação acima, podemos perceber a descrição minuciosa da história e desenvolvimento do que antes foi apenas um porto para um desenvolvido município.

O autor divide o livro em 4 partes: a primeira se dedica a descrever o perfil do Capitão José Garcia Pereira, dono principal tronco familiar para a elaboração da obra; a segunda parte é dedicada a descrição histórica de Porto Real até se tornar Iguatama; a terceira parte consiste na descrição dos diversos outros troncos familiares que compuseram a genealogia da cidade – além dos Garcias e Pereiras também os Campos, Carvalhos, Gonçalves, Leões, Macedos,

Silveiras e Teles – e, por fim, a quarta parte é a descrição completa da descendência do Capitão José Garcia Pereira e de sua esposa Dona Edwiges Francisca da Silveira.

A título de curiosidade, pois meu interesse aqui é descrever a evolução da cidade de Iguatama, o referido Capitão José Garcia Pereira nas palavras do autor, foi um homem admirável “no seu porte moral e na sua estatura humana.” (CAMPOS, 1983, p.19), e que o Capitão foi um grande senhor de escravos, de caráter abolicionista. Pelas suas vastas terras, integrou a aristocracia rural, e mesmo com a abolição da escravatura, seus trabalhadores escravizados não quiseram se desligar das fazendas, se tornando então trabalhadores assalariados.

Em depoimento para o referido livro, o jornalista Jorge Leonardo de Faria ressalta que “a antiga Porto Real sempre foi um lugar de atividades essencialmente agropecuárias. (...) Os homens que a povoaram tiveram como única opção, o plantio da terra ou a criação de gado. Com a implantação de um grande complexo industrial em Iguatama, o município entra em uma nova fase.” (CAMPOS, 1983, p.11). Alavancando o desenvolvimento de Iguatama, ainda Porto Real no século XIX, como todo território colonizado pelos europeus portugueses, a Igreja Católica se fez presente.

Somente na segunda metade do século XIX é que Porto Real começa o seu lento desenvolvimento, com a construção da sua igreja, sob o orago de Nossa Senhora da Abadia, empreendimento esse que teve como seus maiores incentivadores Domingos Gonçalves de Carvalho e o Capitão José Garcia, edificando um templo que para a época poderia ser considerado uma obra de porte arrojado, tendo, em seu interior, altares de fino labor com belas imagens por certo importadas. (CAMPOS, 1983, p.32).

Outro empreendimento de destaque e grande importância para esse período foi a construção da ponte sobre o Rio São Francisco. O transporte de pessoas, animais e cargas até então era feito por meio de canoas. Mas com o aumento da frequência do deslocamento de uma margem para a outra, “tornava-se necessária a construção de uma ponte, mas a obra era de grande porte e o erário público não dispunha de recursos para levá-la a termo.” (CAMPOS, 1983, p.34). Não ter erário significa que os órgãos públicos não tinham como financiar a

construção da ponte, então o Capitão José Garcia juntamente com sua irmã, cunhado e demais familiares como sobrinhos e genros, constituem uma empresa para financiar a obra³.

Esta empresa assumiu, perante o poder público, a responsabilidade da execução daquela obra, orçada pelo Governo, por intermédio do engenheiro Mário Belo em 21:000\$000 (vinte e um contos de réis), uma considerável fortuna para aquela época, mas os recursos seriam da própria empresa, sem qualquer participação do Estado, tendo a construtora o privilégio de cobrar uma taxa dos usuários pelo prazo de 30 anos, sendo isentos os moradores ribeirinhos e os seus familiares. . (CAMPOS, 1983, p.34).

Quando digo que o autor tem uma postura elitista em relação a genealogia, ele também se coloca de uma forma saudosista em relação a cidade. Por exemplo, ao afirmar que “estudos apurados e pesquisas minuciosas, nos autorizam a afirmar que esta foi a primeira ponte construída sobre o Rio São Francisco (...)” (CAMPOS, 1983, p.40), sem nenhuma fonte nomeada, nem um livro, um documento ou entrevista realizada.

Outro empreendimento significativo na primeira metade do século XX, foi a chegada da ferrovia a Porto Real, sendo “o evento de maior significação na primeira década do século com reflexos socioeconômicos para Porto Real, (...)” (CAMPOS, 1983, p.41). O trecho foi chamado de estrada de Ferro Goiás, sendo que extensão destinada a contemplar Porto Real foi entregue em 1908 e em 1909 a ponte de ferro sobre o Rio São Francisco também foi inaugurada. “Em 1916 ficou concluída a construção de todo o trecho, de Belo Horizonte até a Estação de Garças, que foi inaugurada em 10 de março de 1916.” (CAMPOS, 1983, p.41).

Sobre a elevação de Vila de Porto Real a município de Iguatama, foi um acontecimento que teve influência política a partir da Revolução de 1930, mais conhecido e como eu particularmente interpreto, o Golpe de 1930. O movimento liderado também pelo governo de Minas Gerais, basicamente impediu a posse de Júlio Prestes como presidente da República, candidato que tinha características de governo populares, que contrastavam com os ideais conservadores e elitistas que prevaleciam na alternância de poderes entre representantes de mineiros e paulistas, presente no período da República Velha.

³ No livro físico, existe uma digitalização de um documento onde descreve a criação dessa empresa e nomeia todos os envolvidos. Ele foi disponibilizado pelo Arquivo Público Mineiro (APM), contendo a informação que o referido Termo de Contrato foi elaborado pela Coletoria Municipal de Ouro Preto. Ao entrar no site do APM para buscar a digitalização de melhor qualidade, não encontrei arquivos que remetessem a Coletoria dentro da aba de “Câmara de Ouro Preto”. Disponível e acessado em 05/09/2021 as 16:00. <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>.

Até então os distritos viviam submissos à vontade suprema dos chefes municipais, já agora, foram outorgadas leis que lhes permitiam bater-se pela sua autonomia e, aqui e ali, velhos distritos despertaram criando as suas próprias lideranças políticas que souberam empunhar a sua bandeira e reivindicar a sua elevação à categoria de municípios. Isso aconteceu com o velho Porto Real que, ao longo de muita luta, logrou também a sua autonomia administrativa e, em consequência, a sua elevação à categoria de município em virtude do Decreto Lei nº1.058, de 31 de dezembro de 1943, cuja instalação se deu a 1º de janeiro de 1944, quando foi suprimido o histórico nome de Porto Real de São Francisco, nome significativo que bem dizia das suas vinculações ao grande rio, passando a localidade a denominar-se Iguatama, “etimologia correspondente a “Yguaterama,” a enseada da minha terra, alusiva à curva do Rio São Francisco em frente à cidade.” (Toponímia de Minas Gerais, Joaquim Ribeiro Costa, p. 251). (CAMPOS, 1983, p.43).⁴

O primeiro mandato efetivo foi do prefeito Natalino de Carvalho, sendo o responsável por articular a estrutura administrativa do novo município. A antiga Porto Real possuía os terrenos doados anteriormente pela filha e o neto de Inácio Corrêa Pamplona, em prol da santa padroeira, Nossa Senhora da Abadia, sendo administrada pela paróquia de Luz. Portanto o prefeito buscou o bispo Dom Manoel Luz para tratar uma escrita de compra e venda da localidade correspondente ao atual município. Sendo que, efetivado o acordo, “(...) a Prefeitura cedeu aos moradores da cidade os lotes ocupados pelas suas benfeitorias, sem outra vantagem a não ser a tranquilidade de toda a população.” (CAMPOS, 1983, p.45).

Na administração dos anos 1951 a 1955, o prefeito Tomás Ribeiro dos Santos Pires mobilizou ações para findar a dependência elétrica de Iguatama em relação a Arcos, o município vizinho. A fonte de energia elétrica existe até hoje, a chamada Usina Velha. Atualmente não fornece energia elétrica, mas se tornou um local de convivência pública onde a população se reúne para socializar com churrascos e se refrescar na queda d’água.

Presidente da República o Mal. Eurico Gaspar Dutra e seu Ministro da Justiça o grande mineiro, Dr. José Francisco Bias Fortes, o Prefeito Tomás Ribeiro, valendo-se do seu prestígio pessoal, conseguiu um decreto da Presidência da República, considerando de utilidade pública a queda d’água geradora daquela hidrelétrica; conseguiu ainda outro decreto presidencial, considerando também de utilidade pública toda a faixa de terras da extensão da linha transmissora. Isto feito, conseguiu um terceiro decreto presidencial, outorgando ao município de Iguatama a faculdade de desapropriar a queda d’água e a faixa de terrenos por onde passava a linha transmissora. Daí por diante o assunto caiu na alçada do judiciário e foram feitas as necessárias desapropriações e as competentes indenizações e aquela prefeitura não mais

⁴ O Decreto Lei nº1.058 de 31 de dezembro de 1943, mencionado na citação, está disponível em: <https://leisestaduais.com.br/mg/decreto-lei-n-1058-1943-minas-gerais-fixa-a-divisao-administrativa-e-judiciaria-do-estado-de-minas-gerais-que-vigorara-sem-alteracao-de-1-de-janeiro-de-1944-a-31-de-dezembro-de-1948-e-da-outras-providencias>.

dependeu do município vizinho. Tomás foi um administrador competente e obstinado. (CAMPOS, 1983, p.46).

Nesse período, Iguatama contava com a “(...) Escola Pio XII, de 1º e 2º graus profissionalizantes; dispõe de seis escolas e 1º grau estaduais, onze municipais e uma infantil.” (CAMPOS, 1983, p.53). Os comércios básicos, as indústrias e cooperativas já eram presentes, bem como demais serviços como hotéis, oficinas mecânicas, marcenarias e sapatarias. A Rede Ferroviária S/A “(...) com entroncamentos para o sul, Belo Horizonte e Triângulo Mineiro, até Brasília, sendo o município servido pela BR-364, ligação com a BR-262, ambas asfaltadas” (CAMPOS, 1983, p.53). É uma região muito rica em minério de calcário, portanto, empresas que realizam esse tipo de extração são bem-sucedidas na região. Em 1977 a indústria White Martins S/A instala uma filial na cidade, produzindo carbureto de cálcio e gases de forma geral, e desde a sua vinda até os dias de hoje, gera empregos e renda para o município.

Iguatama, ao que tudo indica, emerge da sua antiga economia rural para atingir o primeiro patamar da economia industrial e temos a sincera convicção de que os administradores daquele município saberão conciliar o desenvolvimento industrial com a preservação do meio ambiente, atendendo às conveniências ecológicas necessárias ao bem-estar da comunidade, com uma especial vigilância a fim de que o velho São Francisco não seja poluído. (CAMPOS, 1983, p.51).

O desejo que Djalma Garcia Campos almejava pela preservação do Rio São Francisco, com crescente industrialização e aumento populacional, não existe como alegar que o rio permanece limpo e que a natureza não foi afetada. A região do centro oeste mineiro, especialmente a região de Iguatama, tem um período de seca muito intenso. As indústrias, principalmente as mineradoras, poluem as águas naturais e devastam as paisagens de montanhas em busca da extração de minério de cálcio. A prosperidade industrial, consequentemente econômica, almejada e apontada na citação anterior, contrasta com a grande evasão populacional para os municípios vizinhos, principalmente para Arcos⁵.

⁵ Pesquisei na Prefeitura Municipal algum tipo registro que pudesse comprovar essa informação, porém o responsável pelos Recursos Humanos me disse que não tem esse tipo de controle.



Foto 3 – Logo do Município Gestão 2021-2024 / Fonte: <https://iguatama.mg.gov.br/>

O mesmo acontece em relação às opções de comércio como supermercados, lojas de roupas e itens doméstico, desde eletrodomésticos a utensílios de cama, mesa e banho. As opções que Arcos e outros municípios vizinhos oferecem são mais variadas e mais econômicas do que as que se encontram em Iguatama. Portanto, o resultado disso é pouca movimentação econômica dentro da cidade, sendo que, juntamente a evasão para consumo e trabalho, entram no ciclo que justifica o baixo crescimento econômico, e sem mencionar também as escassas opções de lazer principalmente para crianças, jovens e idosos. Não nego o potencial que a cidade tem de se tornar exemplo de desenvolvimento, porém até então, as gestões anteriores mais se preocuparam em realizar a manutenção partidária dentro do órgão administrativo do que proporcionar avanço e evolução para o município.

2.2 A educação em Porto Real e Escola Estadual Paula Carvalho em Iguatama

De acordo com o Blog da Escola Estadual Paula Carvalho⁶, antes da existência de escolas locais, a educação se dava em casa e posteriormente, aqueles que tinham melhores condições financeiras, encaminhavam seus filhos para as instituições de ensino de outras localidades como Mariana, Ouro Preto e Lavras. No entanto, o texto se limita a uma escrita sem referências bibliográficas ou de fontes utilizadas para a descrição do período histórico. De fato, ao buscar por sites de produções científicas como Scielo e Academia.edu, encontra-se poucos textos relacionados ao tema da Educação não escolar em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX.

No Brasil, por estar especialmente preocupada com a compreensão desses processos depois da independência e da organização do estado nacional soberano, a historiografia relegou, durante muito tempo, outras possibilidades de estudo da educação fora da escola. Mesmo em relação a períodos em que essa instituição era ainda pouco presente, ela continuava

⁶ Disponível em: < <http://escolapaulacarvalho.blogspot.com/> >. Acesso em 22/08/2022.

sendo o parâmetro analítico, o ponto de partida para a compreensão de contextos diversos. Esse foi o caso do período colonial no Brasil, entre o século XVI e as duas primeiras décadas do século XIX, quando o cenário educacional se apresentava sensivelmente distinto daquele que começaria a ser delineado depois da independência e se consolidaria com o advento da república. (FONSECA, ANGELO, OLIVEIRA, 2022).

O terreno para construção da escola foi doado por José Henrique de Oliveira e pelo tio de José Antônio de Paula Carvalho, Domingos Garcia de Carvalho⁷. No texto subsequente à citação acima, se encontram uma série de datas e nomes de personalidades que marcaram a história educacional em Porto Real, e um dos incentivadores foi José Antônio de Paula Carvalho, que após a sua morte em 1942, o Grupo Escolar de Porto Real passou a se chamar Grupo Escolar Paula Carvalho. No fim dos anos 90, houve um projeto de estatização escolar no qual o Grupo Escolar Paula Carvalho passou a ser Escola Estadual Paula Carvalho. Enfatizando o que já relatei anteriormente, as informações do blog não contam com referências de fontes ou bibliografias utilizadas, nem sequer autor ou autora que redigiu a escrita

O site “GeneaMinas”⁸, de acordo com sua própria descrição, tem a finalidade de unir informações a respeito da genealogia e história de Minas Gerais. Ao pesquisar o nome de José Antônio de Paula Carvalho, é possível visualizar local e data de nascimento e falecimento, o nome de sua esposa e, coincidentemente ou não, o mesmo texto biográfico que se encontra no blog da Escola e na notícia do site “Iguatama Agora”, em que sua bisneta assina. “Com orgulho e esmero finalizo essa incrível biografia, feliz em saber que seu sangue corre em minhas veias. Renata Coutinho Kascher bisneta de José Antônio de Paula Carvalho.” (KASCHER, 2022).

Desse modo, existem três fontes, - Blog da Escola Paula Carvalho, notícia do site “Iguatama Agora” e pesquisa nominal no site “GeneaMinas” – com o mesmo texto no qual apenas uma contém a autoria. Não é possível afirmar que nas demais fontes a autora seja ou não a mesma, mas asseguro a dificuldade de encontrar fontes melhores e mais completas que possam ser utilizadas. De acordo com as fontes referidas, os pais de José Antônio de Paula Carvalho se chamavam Antônio Garcia de Carvalho e Francisca Angélica de Paula Carvalho e

⁷ Em matéria para o site de notícias “Iguatama Agora”, a bisneta de José Antônio de Paula Carvalho, Renata Coutinho Kascher, afirma que o terreno foi doado pelo tio de seu bisavô. “Ganhou de seu tio Domingos Garcia de Carvalho o terreno onde foi construída a primeira Escola Estadual para todos. E a luta continuou, José era idealizador e incentivador do trabalho educacional.” (KASCHER, 2021).

⁸ Disponível em: <<https://www.geneaminas.com.br/index.asp>>.

ele foi o único dos irmãos que sobreviveu. Aprendeu a ler com cinco anos e aos dez foi para o Colégio do Caraça⁹ estudar.

A ida para o colégio era uma festa, ele se sentia muito honrado em ter a oportunidade de estudar no colégio do Caraça. Era um colégio interno no alto de uma Serra, com um clima agradável, uma paisagem exuberante, que possuía a primeira Igreja em estilo neogótico do Brasil e que em cada parede, existia um traço de história. O colégio preparava tão bem os alunos que eles entravam nas melhores faculdades da época e saíam com sucesso. (KASCHER, 2021).

Se destacando nos estudos, José Antônio cursou Humanidades e Medicina no Rio de Janeiro, foi professor de música, falava espanhol, alemão, latim e francês, e se destacava ao incentivar a educação ao afirmar que sonhava que “(...) sua querida Porto Real, não tivesse mais analfabetos ou gente faminta e que a educação fosse prioridade na cidade!” (KASCHER, 2021).

Atualmente a E.E. Paula Carvalho conta com aproximadamente 400 alunos distribuídos entre o Educação Fundamental II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio (1º ao 3º ano). No período matutino (7:15h as 11:35) trabalhamos com todas as turmas, com o objetivo de atender a demanda dos estudantes da zona rural, tendo em vista que o transporte, oferecido pela prefeitura, transita somente pela manhã. No vespertino (12:30 as 16:50), a escola atende turmas de 6º a 9º ano Fundamental contando apenas com alunos da zona urbana.

⁹ Localizado nos municípios de Catas Altas e Santa Bárbara, hoje, o Complexo Santuário do Caraça é uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) pertencente a Província Brasileira da Congregação da Missão. “Quando se fala em Colégio do Caraça, pensa-se numa série de atividades educacionais desenvolvidas no célebre Colégio, atividades estas nem sempre iguais e com as mesmas finalidades. De 1820 a 1842, o Caraça abrigou um Colégio (iniciado com quatro alunos em 1820 e oficialmente aberto em 1821 com 14 alunos) e um Seminário para aqueles que queriam ser Lazaristas como os Padres fundadores.” (Santuário do Caraça, Cultura, 2022. Disponível em: < <https://www.santuariodocaraca.com.br/cultura/>> Acesso em: 18/08/2022).



Foto 4 – Escola Estadual Paula Carvalho em 2022 / Fonte: Fabricio Cunha Fotografia

Iguatama conta com mais quatro instituições de ensino municipais (três na zona urbana e uma da zona rural) e uma particular. A Escola Municipal Pio XII atende crianças da creche para crianças de até 3 anos e 1º e 2º período para crianças de 3 e 4 anos respectivamente. A E.M. de Corguinhos, a única escola na zona rural, abrange desde o 1º período ao 5º ano. A Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus atende os mesmos anos da Escola Municipal de Corguinhos, porém localizada na zona urbana. A Escola Municipal Coronel José Garcia Pereira fornece aulas para crianças do 1º ao 5º ano. Todas as escolas têm período matutino e vespertino, com exceção a Escola Municipal de Corguinhos que só possui período matutino. O Instituto Educacional de Iguatama, a única escola particular da cidade, atende crianças desde o 1º período até o 9º ano fundamental. Em resumo, a Educação Municipal dispõe da escolarização primária e do Ensino Fundamental nos anos iniciais e o Estado do ensino fundamental nos anos finais e Ensino Médio.

Trabalhei presencialmente desde o fim de 2018, quando assumi o cargo efetivo, até o início de 2020, em que a pandemia pausou o ensino presencial, e o ensino remoto entrou em vigor até outubro de 2021. Nesse período entre ensino remoto e volta ao presencial, fiquei grávida da minha primeira filha, a Luna, e me afastei da escola de acordo com o previsto na

Lei 14.151 de 12 de maio de 2021¹⁰, que previa o afastamento de gestantes das atividades presenciais durante a pandemia do COVID-19. Após o nascimento da minha filha, solicitei a licença maternidade de 6 meses, e retornei ao ensino presencial em setembro de 2022.

Antes desse grande hiato na minha atuação profissional presencial, eu já havia notado a falta de estímulo dos estudantes tanto em relação aos estudos quanto a própria cidade em que vivem. Em 2019 acompanhei algumas turmas para uma viagem de campo a Ouro Preto, e ao retornar por coincidência recebi o convite da minha professora da graduação e amiga Nara Rúbia de Carvalho Cunha, para escrevermos juntas um texto sobre produção de conhecimento histórico em relação a patrimônios culturais. Esse texto compôs o ebook “Fazer e pensar a história na sala de aula: autoria, formação e produção do conhecimento histórico¹¹” em que Nara e, meu também professor da graduação, Marcelo Santos de Abreu, organizaram em conjunto a colegas também atuantes na Educação Básica.

Tivemos a ideia de tensionar a concepção de cidade histórica que Ouro Preto carrega em relação a Iguatama. Sabemos que ambas possuem história, mas diferente de Iguatama, Ouro Preto é consagrada por ter sido cenário da exploração e extração aurífera mineira e ainda preservar diversos edifícios do período colonial e imperial, devido ao fato de muitos serem patrimônios tombados, ou seja, reconhecidos como parte de valor da história material e dignos de proteção física. Já Iguatama ainda que não tenha patrimônios tombados, a história está presente nos seus pontos de destaque, como a Carranca localizada na entrada da cidade, a ponte de ferro e alguns casarões que infelizmente, por falta de reformas e cuidados, estão ruindo.

Na atividade elaborada, colocamos a imagem de um selo comemorativo dos 300 anos de Ouro Preto, e questões interpretativas em relação ao que está representado na imagem e ao tempo histórico que ela remete. Na questão principal, peço aos estudantes relatem como eles vêem a cidade de Iguatama, e a maioria das respostas são negativas como, “Uma cidade feia, nada de interessante.”, “Vejo uma cidade que só afunda cada dia mais.”, “Eu vejo a minha cidade um pouco atrasada, desvalorizada, “desdeixada” na aparência, e as qualidades de vida

¹⁰ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2021/lei-14151-12-maio-2021-791353-norma-pl.html>. Acesso em 23/09/2022.

¹¹ ABREU, Marcelo Santos de. CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. (organizadores). Fazer e pensar a história: autoria, formação e produção do conhecimento histórico. Editora Milfontes, Vitória, 2021. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Fazer-pensar-Hist%C3%B3ria-sala-aula-ebook/dp/B0931X32KW/ref=sr_1_2?mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=35XJ82HKTA1N9&keywords=fazer+e+pensar+a+hist%C3%B3ria&qid=1664113983&qu=eyJxc2MiOiIwLjAxIiwicXNhIjoiMC4wMCIsInFzcCI6IjAuMDAifQ%3D%3D&sprex=fazer+e+pensar+a+hist%C3%B3ria%2Caps%2C479&sr=8-2

na medida do possível.”¹² Para além da minha percepção como moradora, obtive esse mesmo entendimento através dessa atividade, que foi uma confirmação formal do que já havia dialogado diversas vezes com os estudantes desde que comecei a atuar como docente na E.E. Paula Carvalho.

Pelos corredores e reuniões da escola, também ouço que as crianças não aprendem. Já vi casos no 6º ano, chegarem da Escola Municipal sabendo escrever somente o nome. Vi também formandos do 3º ano do Ensino Médio saber só fazer a cópia do quadro, mas não consegue ler o que escreve. Problemas com interpretação de texto aos montes. Agora no retorno presencial, pós pandemia, ensino remoto e licença maternidade, tem sido assustador o baixo desempenho e principalmente o desinteresse dos estudantes. Agora, mais do que antes, eles viram que vão passar independente de demonstrar que aprenderam ou não.

No entanto, sobre essa questão da dificuldade de aprendizagem alguns colegas de trabalho, julgam e defendem um motivo curioso; o fator genético presente em algumas famílias. Não existem nenhuma comprovação científica, mas muitos profissionais da educação inclusive nas Escolas Municipais acreditam nessa teoria, de que o filho ou filha não aprende, porque os pais não aprenderam. Digo isso por que, no início do ano letivo de 2022, minha mãe que é pedagoga com especialização em psicopedagogia, começou a trabalhar como professora de apoio para crianças com dificuldades comportamentais e de aprendizagem na E.M. Coronel José Garcia Pereira, e lá ela ouviu esse mesmo argumento.

Outro caso bem significativo que minha mãe relatou, foi que em um dos seus atendimentos, a criança disse contou que sua mãe havia lhe dito que não era para ela aprender nada na escola, porque ela, a mãe, não tinha aprendido e a criança estava destinada a mesma situação. Esse episódio reflete um estímulo em aprender que foi tolhido pela própria família. Outras formas de não incentivar as crianças é não fazer parte da vida escolar. Em reuniões e entregas de boletins que compareci, em grande maioria vão os pais ou familiares dos estudantes que não apresentam queixas ou dificuldades de aprendizagem e comportamento em sala de aula.

São vários estudantes que jogam no celular durante as aulas, mal escrevem o próprio nome, prejudicam a si mesmos e aos colegas com mal comportamento dentro de sala de aula e não conseguem se sentir motivados a aprender. Principalmente após o ensino remoto no

¹² A atividade proposta está na sessão “Anexos” junto a algumas respostas selecionadas.

período da pandemia, em que houve pouquíssimas reprovações, eles perceberam que vão passar de ano, independente de se dedicarem ou não. Para os repetentes, o Estado tem proposto o que chamam de reclassificação, onde o estudante faz uma prova e é encaminhado para o ano respectivo a sua faixa etária. Será feito isso no próximo ano com um aluno da minha turma de 9º ano, em que em vez de passar para o 1º ano do Ensino Médio, irá para o 3º ano. Ele não lê e não escreve.

A meu ver, é um problema que não tem apenas uma causa específica, e sim multifatorial. Na segunda metade do século XX, Paulo Freire, exilado na Argentina pela ditadura militar, escreve o livro *Pedagogia do Oprimido* contendo observações feitas acerca da educação brasileira, com base no período que atuou no Brasil promovendo atividades educativas como cursos de capacitação.

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de Pedagogia do Oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas, objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. (FREIRE, 1987, p.20).

Freire critica a concepção bancária presente na relação educador-educando, que consiste no “(...) ato de depositar, em que os educandos são depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem.” (FREIRE, 1987, p.37). Herança da ditadura militar, assim como a disposição das carteiras em filas, essa dinâmica de ensino está presente até os dias atuais. É ideológica, política e economicamente vantajoso para os opressores, que no caso da Escola Pública podemos de chamar de Estado, que a educação contribua para a manutenção da sua massa de manobra em questão, os oprimidos.

Quando Darcy Ribeiro, disse que “A crise na educação brasileira não é uma crise, é um projeto.”, expressou que essa crise faz parte do modo de produção capitalista em que vivemos, principalmente com a emergência de um Ensino Remoto que se tornou realidade no período em que o Ensino Presencial foi interrompido durante a pandemia.

A sensibilidade sobre o momento em que vivenciamos levou-nos à hipótese de que esse projeto educacional brasileiro, travestido em uma constante crise, está intimamente conectado às necessidades do capital, inclusive de manutenção das desigualdades sociais. Evidentemente, não é no inocente sentido de pensar em uma lógica diferente disso, pois sabemos da aderência

e da necessidade entre educação e trabalho para o desenvolvimento, mas não é sobre isso, apenas, que estamos tratando, mas exatamente da necessidade, no âmago da exploração do capital neoliberal, da manutenção das lógicas de exploração historicamente consolidadas no país e seus desdobramentos, como a i] necessidade apresentada pelo capital de privatização dos sistemas de ensino e ii] da manutenção de um exército de reserva³ de prontidão para ser explorado ou superexplorado. (BERTOLINI, TÖWS, 2020, p.2).

No que tange os projetos educacionais para o Estado de Minas Gerais, o governo que foi reeleito em outubro de 2022, já tem colocado em prática as municipalizações do Ensino Fundamental, através do projeto “Mãos Dadas”, que

(...) visa a ampliação do regime de colaboração entre Estado e Municípios na organização do sistema público de ensino, indo ao encontro do preconizado no artigo 211 da Constituição Federal de 1988. Conforme prevê a Lei de Diretrizes Básicas da Educação Nacional os municípios deverão oferecer educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade o Ensino Fundamental. O Projeto Mãos Dadas oferece apoio pedagógico, técnico e financeiro para que os municípios ampliem o atendimento aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. (Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, Projeto Mãos Dadas, 2021.).

Os docentes já vivenciam o impacto negativo, de forma que para a realização do projeto “(...) o governo estadual cede servidores públicos da educação aos municípios, por um período de dois anos. Porém, passado esse período, sem a existência das escolas estaduais onde trabalhavam anteriormente, resta aos profissionais a incerteza.” (VASCONCELOS, 2022).

O Projeto Somar, também de autoria do atual governo estadual de Minas Gerais, prevê a “(...) Gestão Compartilhada de Escolas de Ensino Médio da Rede Pública Estadual de ensino em parceria com organização da sociedade civil sem fins lucrativos.” (Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, Projeto Somar, 2022.). Foi implementado em 2021, inicialmente, em três escolas estaduais; duas na capital Belo Horizonte – E.E. Francisco Menezes Filho e Maria Andrade Resende - e uma na cidade de Sabará – E.E. Coronel Adelino Castelo Branco. Tiago Fávero de Oliveira, em artigo intitulado “Projeto Somar: Diminuindo o público e multiplicando o privado no Ensino Médio em Minas Gerais” indica que

É urgente perceber que em períodos de crise (estrutural do capital e, no cenário atual, sanitária por conta da pandemia) o capital se adapta e avança sobre serviços públicos, precarizando trabalho e mercantilizando direitos. No caso específico da educação, este fenômeno ainda vem acompanhado do crescimento de uma ideologia neoliberal e conservadora que divulga uma visão pejorativa da educação pública, formando consensos acerca da necessidade e da urgência de projetos que alterem o cenário. Assim,

identificar os efeitos dessas práticas – junto ao controle do trabalho docente, à redução dos currículos e à emergência de sistemas de avaliação que padronizam a escola – é vital para a compreensão do fenômeno como um todo. (OLIVEIRA, 2022, p.2).

O Currículo Escolar também se mostra como um instrumento de poder organizado pelo Estado para atuar de forma controladora nas escolas.

Os currículos escolares têm sido objeto de muitas análises que situam seu significado político e social, e uma dimensão precisa ser entendida para determinarmos o direcionamento da educação escolar e o papel que cada disciplina tende a desempenhar na configuração de um conhecimento próprio de sociedade contemporânea. O movimento de reformulações curriculares dos anos 90 decorre da nova configuração mundial, que impõe um modelo econômico para submeter todos os países à lógica do mercado. Uma lógica que cria novas formas de dominação e de exclusão, principalmente porque o mundo capitalista não corre grandes riscos após as vicissitudes do socialismo no mundo ocidental. O desenvolvimento depende de articulações com essa “nova ordem mundial” e de submissões a ela, a qual, entre outros valores, tem instituído nova concepção de Estado e determinado maior fortalecimento das empresas privadas e financeiras. Existe, portanto a lógica da privatização, do lucro e da tecnologia, lógica essa que submete as políticas e procura impor suas metas a todos os países. (BITTENCOURT, 2004, p.101).

A análise que Circe Bittencourt expõe na citação acima de seu livro *Ensino de História: fundamentos e métodos*, corresponde a iniciativa curricular elaborada no período pós ditadura militar, onde o processo de aprendizagem começava a ser construído de acordo com as teorias piagetianas (BITTENCOURT, 2004). No entanto, quando falamos em currículo não é apenas o prescrito pelo Estado, chamado currículo formal. O currículo real consiste no que de fato é realizado em sala de aula, por professores e estudantes, o currículo oculto representa atitudes e comportamentos adotados no ambiente escolar e o currículo avaliado que se equivale a avaliações para quantificar o conteúdo aprendido pelos estudantes. (BITTENCOURT, 2004).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa,

democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (INTRODUÇÃO, BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR).

O conteúdo de história para o ensino fundamental anos finais, assim como os demais conteúdos, é dividido em Unidades Temáticas, Objetos de Conhecimento e Habilidades. Não me cabe aqui analisar de forma detalhada a estruturação da BNCC, mas é muito cobrado pelas analistas e inspetoras do Estado que se trabalhe as habilidades dos conteúdos, que se identifique nas provas, atividades, planos de aula e preenchimento de aulas lecionadas no Diário Eletrônico Digital (DED), as habilidades que estão sendo trabalhadas. Por exemplo, no oitavo dentro, dentro da unidade temática “O mundo contemporâneo: o Antigo Regime em crise”, temos a o objeto de conhecimento “A questão do iluminismo e da ilustração” e a habilidade a ser trabalhada é codificada por “(EF08HI01) Identificar os principais aspectos conceituais do Iluminismo e do liberalismo e discutir a relação entre eles e a organização do mundo contemporâneo”. (A ETAPA DO ENSINO FUNDAMENTAL, BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR).

Tenho observado que o currículo real, aquilo que de fato acontece na sala de aula, está longe de ser o que os planos de curso e de aula mostram. Ao se aproximar o fim da minha licença maternidade, em conversa com minhas colegas de trabalho, elas alertaram: “Você precisa chegar com os dois pés no peito deles, se não, não vai”. As turmas estão extremamente desinteressadas. Reencontrei alunas muito dedicadas que dei aula no ensino fundamental, agora já no ensino médio, desmotivadas com a aprendizagem. Ir para a escola parece ser um fardo. Os professores estão desestimulados. E eu tenho me sentido frustrada em pisar na sala de aula, e inclusive concluir esse trabalho. A sensação que tenho é que nossa profissão vem perdendo o sentido de existir.

Partindo da ideia de que o currículo oculto também se compõem da forma como os estudantes se comportam e como lidamos com isso nos 50 ou 100 minutos dentro da sala de aula, é incontável a quantidade de palavrões e ofensas proferidas uns para os outros, e o quanto fazem apologia ao uso de drogas, sejam lícitas ou ilícitas. E quando questionados o motivo dessas falas, a resposta que a maioria diz, é o que veem em casa. Não são ensinados, mas melhor que o ensinamento é o exemplo. Então, acredito que nós na escola, não conseguimos mudar aquilo que eles presenciam todos os dias. Na maioria das vezes o problema não são as crianças isoladamente, e sim os pais, cuidadores ou familiares. Na sala dos professores, na hora do intervalo ou em conversas rápidas pelos corredores da escola, o

desânimo com a educação é praticamente unanime, nunca foi tão difícil buscar esperança e ânimo na profissão diariamente. É com vontade de mudança, mesmo que a perspectiva seja pouco promissora, que encontro vontade para escrever cada linha dessa dissertação.

2.3 As manifestações culturais em Iguatama

Quando reconhece a existência e a proximidade, às vezes ameaçadora, do especialista popular, o sacerdote de Igreja confessa, ao mesmo tempo, os direitos legítimos e a necessidade universal do seu modo de professar a religião versus a ilegalidade jurídica e sagrada dos modos populares equivalentes, que ele define como a magia profanadora do feiticeiro, a falsa dissidência do pequeno profeta criador de cultos sectários, ou a religião não eclesial do sacerdote ilegal. No entanto, o que aos olhos do padre, do pastor ou do médium de gravata constitui a falha das religiões populares é o que as constitui realmente, ou seja, é o que faz com que elas sejam formas populares de produzir e viver a religião. (BRANDÃO, 1986, p.120)

As manifestações culturais dentro de Iguatama simbolizam uma forma de sincretismo¹³ da religiosidade católica junto a crenças populares e afro-brasileiras e é admirável observar o quanto elas movimentam e mobilizam a população. Recentemente aconteceu na cidade a 8ª Jornada Cultural de Minas Gerais – 2021 – Caminhos do Patrimônio Contemporaneidade e Novos Horizontes¹⁴, promovida pela Secretaria do Estado de Cultura e Turismo, por meio do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG). Esse foi um evento que compreendeu as duas maiores manifestações culturais iguatamenses: o Congado e a Folia de Reis; de modo que os dias 12/09/2021 e 19/09/2021 foram destinados ao Congado e o dia 27/09/2021 ao Encontro das Folias de Reis locais.

No dia 12/09/2021 ocorreu o hasteamento dos Mastros de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, Santo Benedito e de São Francisco simbolizando a devoção às santidades católicas que são saudadas nesse festejo tipicamente de origem africana, sendo que “(...) a congada é uma tradição de heterogenia, pois “projeta-se nas acomodações das práticas ritualísticas uma força espiritual, baseada nos preto-véios e ancestrais, expressa a devoção à santa”(KIDDY, 2005, p.54 APUD MONTEIRO, 2016, p.4).

¹³ O antropólogo social Carlos Rodrigues Brandão relata em “Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais” (1981) que ao “(...) aprender que por debaixo do *folclórico*, como nós chamamos o que vemos, existe a *devoção*, como o povo chama o que faz.” (BRANDÃO, 1981, p.7). Já para Reginaldo Prandi em “As religiões negras no Brasil” (1996), “Desde o início as religiões afro-brasileiras se formaram em sincretismo com o catolicismo, e em grau menos com religiões indígenas. O culto católico aos santos, numa dimensão popular politeísta, ajustou-se como uma luva ao culto dos panteões africanos.” (PRANDI, 1996, p.67). Assim sendo, as referidas citações podem ser consideradas com uma forma de descrever o sincretismo dentro da Folia de Reis e do Congado, respectivamente. A mistura de crenças populares, afro-brasileiras e católicas é uma forte marca na singularidade dessas manifestações.

¹⁴ Folder de divulgação do evento disponível no Instagram da Prefeitura de Iguatama. Disponível em: < https://www.instagram.com/p/CT48J0aLE_C/?utm_medium=copy_link >. Acesso em 07/10/2021.

As congadas são manifestações culturais negras bastante expressivas nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Paraná. Os grupos se apresentam em forma de cortejo real, incluem danças, cantos e são compostos predominantemente por homens e mulheres negros(as), que se reúnem para louvar seus santos de devoção. As congadas também são chamadas de ternos, guardas, cortes ou bandas e entre os mais tradicionais grupos estão o Moçambique, o Congo, a Marajuada, o Candomble, os Caboclinhos, o Catopê e outros. (MONTEIRO, 2016, p.3).

Mesmo não sendo um homenageado na tradição congadeira, a imagem de São Francisco esteve presente na retomada das manifestações locais pelos seguintes motivos. Durante muito tempo a festa deixou de acontecer na cidade por desentendimentos com o padre local e conflitos entre os próprios grupos de congadeiros. As gestões municipais anteriores também pouco olharam para a questão cultural na cidade. Para este ano de 2021, os cidadãos elegeram prefeito e muitos vereadores jovens, com vontade de mudar esse cenário, e coincidentemente o padre que não apoiava a manifestação congadeira se mudou para outra cidade, vindo um novo que se mostrou disposto a participar e apoiar. Sendo assim, o Terno dos Irmãos Londino, que sustentaram e estiveram dispostos a participar da retomada dessa tradição desde o início, tem sua sede localizada no bairro do Alto São Francisco, juntamente à Igreja de São Francisco, que foi construída em frente ao galpão da Associação do bairro, com isso, se justifica a homenagem a São Francisco.

Os primeiros registros de congadas são do período colonial: as primeiras manifestações de coroação de reis negros teriam sido realizadas com os reis de Angola no século XVII, e tal prática teria sido realizada por escravos e forros no XVI em Lisboa. O surgimento da eleição do rei e da rainha congos liga-se à representação política e simbólica do rei do Congo, promovida em 1551, pelo rei português D. João III em Portugal. Acredita-se que, no Brasil colonial, a primeira coroação do rei Congo feita por uma irmandade religiosa ocorreu em Recife no século XVI e Chico Rei, considerado o primeiro rei Congo a fazer um terno de Congada em Minas Gerais teria sido coroado no ano de 1717. Através das irmandades religiosas, a população negra no Brasil colonial e também imperial, escravos africanos, escravos nascidos no Brasil e livres, reconstruíram suas identidades e reinterpretaram os códigos católicos, conquistando relativa autonomia para praticarem seus cultos. (MONTEIRO, 2016, p.4).

No dia 19/09/2021 aconteceu o arreamento dos mastros das imagens já mencionadas, juntamente com o cortejo dos ternos de congado pelas ruas da cidade rumo novamente ao bairro Alto São Francisco. Foi uma manifestação muito bonita de se ver acontecer, principalmente pelos relatos da população, contando que havia anos que as caixas e tambores não batiam pelas ruas da cidade. Houve uma mobilização muito grande da população devota e admiradora da festa, para a doação de alimentos ofertados para o café e almoço dos grupos de

Congado. As máscaras e o álcool em gel ou líquido esteve presente e visível em toda a festividade, assim como a alegria e disposição da população em acompanhar e parabenizar o evento.

Por fim, no dia 26/09/2021, ocorreu na Secretaria de Cultura Municipal, localizada na Casa da Ponte, nas margens do Rio São Francisco, o Papo de Folia, finalizando os eventos da 8ª Jornada do Patrimônio Cultural de Minas Gerais. Neste dia, reuniram-se pelo menos um representante de cada grupo de Folia de Iguatama, juntamente com a Folia Infantil. O objetivo era que os convidados interagissem com informações a respeito de seus grupos, respondessem questões elaboradas pela secretária de cultura. A meu ver, houve algumas perguntas que se destacaram como o que os grupos estão fazendo para inserir os jovens na cultura e qual a relação com a Igreja Católica e os grupos. Um representante da Folia de Reis das Perdizes respondeu que leva o filho no grupo para tocar, mas um representante da Folia do Pachêco contrapôs que existe a necessidade dos mais velhos abrirem espaço para os jovens cantarem, pois se não souberem os cantos, não existirá meios de sobrevivência dos grupos. Em relação ao apoio da Igreja Católica, os que se manifestaram relataram não existir nenhum tipo de conflito, mas também nenhum apoio.

A partir da minha vivência e percepção dos grupos, os conflitos existem dentro de alguns dos próprios grupos. Por exemplo, tenho conhecimento que o grupo do bairro Perdizes, ao realizar o giro da Folia, pula a casa de uma moradora devido a conflitos que o capitão do grupo tem com a própria irmã, que é amiga dessa moradora. No mesmo grupo, também houve um episódio no qual o integrante mais jovem do grupo tentou cantar as músicas – ato também conhecido como ‘embaixar a Folia’ – e o presente capitão, desmereceu o jovem integrante afirmando que ele não tinha voz ou capacidade para tal. Afirmo esses acontecimentos pois esse grupo pertence ao bairro onde moro, minha mãe mora e minha avó morou até o fim da vida, as notícias são comentadas e os acontecimentos presenciados. Esses são casos que aconteceram nesse grupo, não posso comentar sobre os outros.

Mas algo que há de comum a todos os grupos, é a Festa de encerramento que oferece o mesmo cardápio tradicional de comida de Folia em todos os festejos. Irei relatar a minha vivência na Festa da Folia de Reis do Pacheco em janeiro de 2020. Minha tia, por ser muito devota, sempre esteve presente nas festas, ajudando na preparação da comida quando podia. Nesse janeiro, me convidou para ajudar também e eu chamei minha mãe para irmos juntas. A festa foi realizada em frente a Capela de Nossa Senhora do Rosário, e a comida preparada no

barracão ao lado dela. Chegando lá nos foi dado a missão de descascar um saco de 10kg de batatas. Nós três e mais quatro ou cinco mulheres, iniciamos o trabalho, e a conversa fluiu como se já nos conhecêssemos, abordando diversos assuntos. Ao findar, entramos dentro do barracão para ver o que mais era necessário ajudar e nos deparamos com o processo de cozimento dos alimentos.

Dentro do barracão havia uma média de cinco trempes. A trempe é uma estrutura que pode ser feita de ferro ou pedra, que se coloca a panela ou caldeirão em cima, sendo o cozimento do alimento em questão realizado pelo calor da queima de lenhas, que são colocadas embaixo da trempe. Esse processo faz toda a diferença no sabor da comida, o cozimento é mais demorado, o sabor mais apurado e a fumaça que a queima da lenha levanta, dá um leve sabor de defumado na comida. É muito característico e extremamente saboroso. Esse trabalho geralmente é designado aos homens, pois são panelas e caldeirões muito grandes, demandando um manuseio com mais força. As mulheres orientam o sabor através da correção de sal e dos temperos, e se ocupam na preparação dos doces.



Foto 5 e 6 – Trempe montadas de barro para a Festa do Alto São Francisco em 2022/ Fonte: Arquivo pessoal

Como mencionei anteriormente, o cardápio é muito característico e sempre se repete em todos os anos, em todas as festas de todos os grupos. É servido o arroz branco, o feijão batido misturado com banha de porco e farinha de mandioca – também conhecido como tutu de feijão –, macarrão espagete com molho de tomate, batatas cozidas, e alguma carne,

variando entre o frango, carne bovina ou suína. A carne suína geralmente é frita na banha da própria carne e a bovina é picada e cozida como uma carne de panela. Já os doces variam entre o doce de leite e o doce de mamão verde ralado. Ambos são preparados na trempe também, e servidos junto com a refeição.

Voltando ao contexto da minha vivência no dia da festa, quando vimos que não precisavam da nossa ajuda naquele momento, avisamos aos cozinheiros e cozinheiras que iríamos embora e então, solicitaram o nosso retorno por volta do início da noite, para ajudarmos a servir a comida e os doces. Dado o início da festa, o grupo de folia toca para os coroados ou festeiros, que são as pessoas que se responsabilizam pela festa do determinado ano, geralmente por pagamento de promessa feita aos três Santos Reis. Logo após, os primeiros pratos de comida são servidos para os grupos, eles tocam novamente, e após esse processo que é autorizado a servir para o público. A fila sempre é grande, as pessoas se servem duas ou três vezes. Primeiro todos se servem nos pratos que vão comer no local, assim que as pessoas começam a repetir e a fila já se dispersou, é autorizado que seja servido nos potes que a população carrega de suas casas até o local, para levarem a comida. É muito mágico, mesmo servindo duas, três vezes as pessoas e ainda fazendo marmitas, a comida sempre sobra. Os doces também são servidos da mesma forma, primeiro para comer no local e depois para levar.

Foi uma experiência extremamente gratificante, poder participar da festa que vivenciei durante a minha infância, só que tendo uma outra experiência e outro olhar. E ao me mudar para a Iguatama, lecionar para meninos e meninas naturais daqui, me propor a escrever um trabalho voltado para o ensino de história, me vi a disposição de juntar temáticas que me identifico e gosto para propor um novo olhar para a experiência de presenciar a festa de Folia e comer a comida típica e maravilhosa desse evento.

3. A IDENTIDADE E A MEMÓRIA MOBILIZADAS NA FOLIA DE REIS

No centro oeste do estado de Minas Gerais, na cidade de Iguatama, bem como em muitas regiões do Estado, a Folia de Reis é uma tradição muito presente. O antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, referência em estudos sobre religiosidades e festas populares, afirma que a Folia de Reis

“é um espaço camponês simbolicamente estabelecido durante um período de tempo igualmente ritualizado, para efeitos de circulação de dádivas – bens e

serviços – entre um grupo precatório e moradores do território por onde ele circula.” (BRANDÃO, 1981, p.36).

O período referido pelo autor, se encontra entre os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro, no qual os cantores e instrumentistas visitam casas distribuindo bençãos através dos cantos, pedindo doações para os Santos Reis, atendendo pedidos de que a bandeira dos Santos passe pela casa dos moradores, por vezes com o objetivo de cumprir promessas. Os mestres e capitães do grupo que estabelecem o roteiro por onde a Folia vai passar. Ao final da cantoria, eles pedem uma contribuição monetária ou alimentícia para que a fartura seja garantida na grande festa, que acontece ao findar da jornada percorrida nas casas de sua rota, o chamado “giro”.

Dentro da categoria de festa popular, a Folia de Reis existe e resiste como forma de reafirmação da fé não institucionalizada nas quatro paredes da Igreja Católica, mas reconhecida como manifestação cultural. De origem Ibérica, teve seus cantos e danças trazidos ao Brasil pelos jesuítas portugueses, na tentativa de facilitar a evangelização católica dos povos indígenas e dos africanos escravizados (HORTA, 2011, p.26). A prática de cantar e festejar a visita dos Três Reis Magos ao filho de Deus, se tornou “(...) um exemplo privilegiado da complexidade de símbolos e de práticas do catolicismo popular.” (BRANDÃO, 1981, p.93). A cidade de Iguatama, conta com cinco grupos de Folia de Reis: a das Perdizes, a do Pacheco, a do Morro (Alto São Francisco), a do Palmital (zona rural) e a da Boa Vista (zona rural). A festa de encerramento do “giro” é um grande evento onde é possível encontrar pessoas de toda a cidade, que vão prestigiar os festeiros, a última apresentação da Folia e o grande banquete culinário que é oferecido.



Foto 7 – Folia das Perdizes / Fonte: Arquivo pessoal



Foto 8 – Folia da Boa Vista / Fonte: Arquivo pessoal



Foto 9 – Folia Pacheco – Fonte: Arquivo pessoal

Acredito que toda professora ou professor de História já ouviu dos(as) estudantes questionamentos sobre a utilidade daquele conteúdo para a sua vida. Despertar a afinidade e fazê-los atribuir sentido a questões subjetivas, como passado, tempo e memória, numa aula em Ciências Humanas, é um desafio diário na vida dos profissionais docentes. No entanto, ao trabalhar a história local, o interesse muda. A pesquisa sobre culinária da Folia de Reis e suas origens, tendo como seu produto uma experiência didática desse conteúdo dentro da escola, possibilitará a construção identitária de estudantes do 9º ano com a festa. Com isso, o projeto

se justifica na medida em que buscará fortalecer e delimitar a importância das tradições locais e suas origens.

Ao questionar minha prática docente depois de dois anos lecionando na única Escola Estadual da cidade, criei familiaridade com uma mesma turma e pude observar as necessidades e interesses de orientação histórica dos estudantes, uma única era coletiva: a falta de esperança na própria cidade em que vivem. Recapitulando o que foi afirmado no capítulo anterior, Iguatama está localizada no centro oeste de Minas Gerais, e incluindo as zonas rurais, possui aproximadamente oito mil habitantes. A cidade tem movimento fraco de empresas, consequentemente pouca geração de empregos. Falta lazer, falta incentivo na saúde, à cultura local, resultando na evasão para outras cidades mais desenvolvidas na redondeza. Essa é uma percepção que eles traziam para mim, e eu, como moradora e conhecedora do contexto local a muitos anos, compreendia completamente a inquietação colocada. Posto isso, ao ingressar no mestrado profissional, sabendo que a proposta era desenvolver uma dissertação que findasse em um produto didático, me propus a pensar e trabalhar para que essa percepção pessimista em relação a cidade pudesse ser questionada e modificada pelos estudantes. Assim como em Póicles (SILVA, 2019), não podemos deixar de atuar no campo das possibilidades de que nosso ofício afete nossos “discípulos”.

Em janeiro de 2017, a Folia de Reis foi declarada Patrimônio Cultural Imaterial pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA). O patrimônio é considerado um bem de valor coletivo, trazendo referências da memória e da construção identitária de determinada comunidade. Ao tratar de memória, Maurice Halbwachs pontua

uma discussão na qual a memória sai da esfera particular individual e passa a integrar a concepção de memória sempre coletiva. Para Halbwachs, mesmo que estejamos envolvidos em acontecimentos vivenciados apenas por nós mesmos, as lembranças sempre serão coletivas, porque na verdade nunca estamos sós. (PEREIRA, 2017, p.49).

Sendo a memória o resultado da relação entre as experiências individuais e coletivas, essas interações farão parte de como e com o que determinados sujeitos se identificam no seu espaço de vivência. Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, expõe três concepções com diferentes características de como nos relacionamos com a identidade. O autor defende que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social,

estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p.13).

Das três concepções apresentadas por Stuart Hall temos: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. No sujeito do Iluminismo, identidade estava centrada apenas no indivíduo, sem intervenções externas, tornando-se assim uma concepção individualista. No sujeito sociológico, os reflexos do mundo moderno e das suas relações refletiam na construção identitária, sendo a sua consciência formada “na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2006, p.11). Isso se reflete na ideia que se tinha de que a identidade se forja na interação entre o eu e o outro, assim como a noção de memória individual e coletiva apresentada por Halbwachs.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. (HALL, 2006, p.12)

A partir do momento que se atrela o que o indivíduo é com o meio social, algo que é externo a ele, a identificação passa a se tornar variada e facilmente mutável. O sujeito que antes vivia atrelado a uma identidade única e estável, divide-se em várias, sendo elas ou não contraditórias entre si. Logo, como as mudanças são condições existentes das sociedades modernas,

o próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (...). O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (HALL, 2006, p.13)

Ainda que se diferencie a tradição como invariável e o costume como passível de inovações, a globalização é um fator significativo para que se coloque em questão as mudanças e permanências dentro das tradições, podendo surgir novos costumes. Hall defende que o aumento de trocas identitárias que a globalização propõe tem três consequências: as identidades nacionais começam a se desintegrar devido ao “crescimento da homogeneização cultural” (HALL, 2006, p.47) do mundo pós-moderno, as identidades nacionais e locais se

fortalecem de forma a resistir aos efeitos da globalização, e por fim, o declínio de identidades nacionais para que novas identidades denominadas *híbridas* ocupem seu lugar.

À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (...). Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecer “flutuar livremente”. (HALL, 2006, p.74-75)

Nas manifestações populares de tradições culturais e artísticas locais, a Folia de Reis encontra-se como a mais presente atualmente. Ao observar a tradição culinária da festa de encerramento, limitando-me ao grupo específico da Folia de Reis do Pacheco, pretendo explorar a comida e o espaço em que ela é feita, como um lugar de potencialidade para o ensino de história. A ideia inicial era realizar entrevistas com as cozinheiras da festa e com os principais membros do grupo, porém estamos vivendo no momento uma pandemia da COVID-19, o que limita os encontros presenciais e os encontros e reuniões virtuais ainda não é uma realidade para todos(as). Portanto, buscarei desenvolver uma reflexão antropológica da minha memória individual e da minha experiência autoetnográfica de quando participei da cozinha da festa no mês de janeiro de 2020.

3.1 A memória individual e coletiva na arte de narrar histórias

Nessa participação, tive a oportunidade de acompanhar de perto a preparação dos pratos típicos, na festa da Folia do Pacheco, ajudando em tarefas simples, mas significativas, como lavar as louças, descascar os alimentos e servir a refeição depois de pronta. A partir dessa experiência, juntamente com a intenção de materializar, em forma de pesquisa, essa tradição alimentícia que permeia a minha história e a da cidade, nasceu a intenção de dialogar com o saber histórico, o saber culinário tradicional da festividade. Ao acessar esse conhecimento, questionarei o que essa experiência tem a dizer sobre as tradições culturais locais, o que se aprende dentro daquela cozinha festiva além da prática de cozinhar, que modos de sociabilidade e convivência envolvem o ensino-aprendizagem da história local e as formas de narrar a memória local no contexto das festas. Em suma, a partir das suas práticas culinárias tradicionais, quais os saberes e memórias estão ali mobilizados?

Ao acessar esse conhecimento, assim como nas curvas do Rio São Francisco, que remetem ao nome da cidade, as sinuosidades dos saberes culinários e históricos se abrem para novas possibilidades de acesso ao conhecimento, de uma forma prazerosa, afetuosa e sinestésica. No momento da preparação dos alimentos não há julgamento nem juízo de valores, todos estão ali dispostos a aprender o que fazer com as pessoas mais experientes e auxiliar na elaboração dos pratos da melhor forma possível. É uma mistura de devoção, doação e disciplina. Que de forma curiosa, estabelece uma relação particular com o processo de ensino e aprendizagem escolar. Nós, profissionais da educação, acreditamos na potencialidade do aprendizado nas vidas dos estudantes, com isso doamos a disposição de construir conhecimento junto a eles utilizando variadas metodologias.

Questionamentos como, o que é possível se aprender cozinhando além da própria prática culinária e o que se sente ao comer aquela comida, carregada de tradição popular, além do sabor em si, nortearão a discussão que pretendo estabelecer. É uma via extremamente rica de interpretar o conhecimento e a vivência cultural, as memórias afetivas, os laços sociais, familiares e ancestrais, mas principalmente o pertencimento à comunidade em contraste com a sensação de atraso e escassez que a cidade tem oferecido até então. Evidenciar a potencialidade cultural e afetiva de uma tradição local que perpassa na rotina e no conhecimento de toda a população da cidade.

Vejo essa abordagem ir de encontro com o que Leopold Von Ranke coloca em “O conceito de História Universal (1831)”, texto no qual pontua a duplicidade da história enquanto ciência e arte. Ao mesmo tempo que se constitui enquanto narrativa dotada de métodos e técnicas, também é construída artisticamente. “A arte basta-se a si mesma: sua existência atesta sua validade, já a ciência, bem como seus conceitos, tem de ser estudada em profundidade, e em seu nível mais íntimo ela deve ser clara” (RANKE, 1831, p.203).

Porém cem anos mais tarde, Walter Benjamin vai observar que a Europa da década de 1930 foi modificada em detrimento do surgimento das grandes cidades desde o século XIX, bem como, devido à ascensão do regime fascista. Essas características trouxeram consequências para a concepção de arte e estética. Benjamin evidencia essa transformação em “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” (1955), seguindo o pensamento de Hegel de que a obra de arte, “na modernidade, não representa mais uma “unidade ética coletiva” ou “um sentido unificador”, mas unicamente o universo do homem e da contingência própria do mundo e da finitude humana.”(VACCARI, 2018, p.289). Dentro da

dinâmica capitalista junto ao fetichismo da mercadoria, a arte e a cultura também se tornam comercializáveis, promovendo um esvaziamento um “processo de fantasmagoria, tal como observado principalmente na Paris do século XIX” (VACCARI, 2018, p.300), sendo a cultura “(...) tomada pelo frenesi onírico-imagético da forma-mercadoria, no interior do qual os indivíduos se tornam incapazes de distinguir com clareza a aparência da coisa de sua essência (...)” (VACCARI, 2018, p.300).

Ao contrário da saída proposta pelos esteticistas, o despertar do sonho fantasmagórico não pode ser realizado pela fuga e pela recusa do onírico – do potencial estético da arte –, mas por meio deles. Assim como é preciso se utilizar de elementos do sonho para despertar, também a arte deve utilizar da técnica para vencê-la. Por isso Benjamin retorna sempre à ideia de que a arte – e também a crítica – deve incorporar a técnica de reprodução no sentido de que deve tomar as rédeas desse rico mecanismo de propaganda massificada. (VACCARI, 2018, p.302).

Penso que, ao vincular a narrativa, culinária, tradição e memória em um campo de discussão que aborda o ensino de história como pano de fundo, traz a experiência de artística de narrar como forma de enriquecer a didática do campo. Para Walter Benjamin no texto O narrador presente em *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (2012), a experiência artística de narrar está cada vez mais extinta (BENJAMIN, 2012, p.213). Docentes em história já possuem grande facilidade em narrar, mas a intenção principal é que os estudantes possam narrar a sua própria história, se colocando como protagonistas reforçando a identificação com a tradição local.

A tradição oral, patrimônio da poesia épica, tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance. O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa – contos de fadas, lendas e mesmo novelas – é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, porém, especialmente da narrativa. O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. (BENJAMIN, 2012, p.217).

Nesse sentido, ao propor que se pense uma culinária tradicional em relação a potencialidade do ensino-aprendizagem histórico presente no ato de cozinhar uma comida festiva, o objetivo é que se enriqueça a percepção da chamada consciência histórica, discutida nos campos de estudo da Teoria e da Didática da História. O historiador Luis Fernando Cerri, ao trazer as percepções de Jorn Rüsen e Agnes Heller sobre o conceito, em seu livro *Ensino de História e Consciência Histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea* (2011), argumenta que, “a consciência histórica pressupõe o indivíduo existindo em grupo, tomando-se em referência aos demais, de modo que a percepção e a significação do tempo só

podem ser coletivas” (CERRI, 2001, p.30). No caso de pensarmos a tradição da Folia de Reis, sua festa de encerramento e a refeição oferecida na festa como um mecanismo de apreensão de identidade, riqueza cultural e ensino de história, a vivência coletiva passa a ser fonte de conhecimento.

Em comunidade, os homens precisam estabelecer a ligação que os define como um grupo, cultivar esse fator de modo a permitir uma coesão suficiente para que os conflitos não resultem num enfraquecimento do grupo e coloquem a sua sobrevivência em risco. Uma versão, ou significado construído sobre a existência do grupo no tempo, integrando as dimensões do passado (de onde viemos), do presente (o que somos), e do futuro (para onde vamos) é o elemento principal da ligação que se estabelece entre os indivíduos. A essa ligação temos chamado identidade, e podemos defini-la como o conjunto de ideias (já que a biologia, e mais especificamente a genética, juntamente com a antropologia têm mostrado que não existe fundamento para pensar uma identidade “sanguínea” entre as pessoas que formam um grupo, seja ele uma pequena comunidade ou uma nação) que tornam possível uma delimitação básica para o pensamento humano – nós e eles –, pertencente ou não pertencente ao grupo. (CERRI, 2011, p.31).

Dessa forma, narrar a minha experiência na preparação da comida, bem como a vivência que a Festa de Folia de Reis proporciona, abre o campo para pensar toda a experiência a partir da consciência histórica (RÜSEN, 2010) que os(as) estudantes desenvolverão a partir dessa tradição popular. Será focalizada, na prática culinária dessa festividade, a perspectiva memorial e narrativa, que consiste em fortalecer e valorizar identidades culturais. A percepção de tempo (passado, presente e futuro) e da existência humana andam juntas, uma vez que como “sujeitos históricos somos e existimos no tempo enquanto sociedades.” (ARÓSTEGUI, 2006, p.255). Essa interação entre sujeito, sociedade e tempo, dimensiona a consciência histórica adquirida, visto que, “se toda pesquisa sobre a natureza da história o é, também, sobre a natureza da sociedade, também o será, inseparavelmente, sobre a natureza do tempo, sobre a temporalidade.” (ARÓSTEGUI, 2006, p.272). Sendo, portanto, a consciência histórica a capacidade de estabelecer relações de sentido temporais, que necessariamente passa pela percepção e construção da identidade, o conhecimento histórico se coloca como indispensável e indissociável da existência humana do sujeito em seu próprio tempo.

A necessidade do isolamento social que o contexto pandêmico nos trouxe em 2020, preocupou a comunidade devota das Folias e os foliões igualmente. A tradição acontece a cada ano, a partir da saída do grupo nas ruas, caminhando de casa em casa de acordo com seu trajeto predeterminado, tocando se o(a) morador(a) autoriza e coletando, por fim, a doação

para a realização da Festa. A interrupção desse ciclo que seguia um padrão a anos, por uma razão incontornável, como a disseminação do COVID-19, em um momento que a vacinação ainda não havia avançado, prejudicou a continuidade da tradição. Na reunião que aconteceu na Secretaria de Cultura no dia 26/09/2021, o Papo de Folia, que mencionei no capítulo anterior, os integrantes que estiveram presentes expressaram com intensidade que caso não fosse permitido a saída das folias neste ano de 2021, seria muito prejudicial para a unidade dos grupos.

Em *A invenção das tradições*, Eric Hobsbawm e Terence Ranger dialogam sobre o termo “tradições inventadas”, que consiste em um conjunto de hábitos e práticas, regulados por regras implícitas ou explicitamente aceitas, sendo “ (...) tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado.”¹⁵ É notável que a relação com esse passado, muda o vínculo entre a tradição e as transformações da modernidade. O costume, dentro desse contexto, legitima as mudanças que a tradição pode sofrer. No entanto, os movimentos liberais, também refletidos nas práticas sociais, exercem uma tentativa de adaptar esses novos costumes a novas realidades.

Aqui em Iguatama, através das conversas no encontro Papo de Folia e pela minha própria percepção, os principais integrantes dos grupos não estão dispostos a inovar as tradições. Ainda está enraizada a ideia de que sempre foi e sempre vai ser de determinada forma. A própria dificuldade de aceitar a inserção de integrantes mais jovens demonstra essa resistência ao novo. Observei em 2020, grupos de Congado realizando transmissões ao vivo e hasteamento das bandeiras dos santos devotos, na época em que seriam realizadas as suas festas, justamente para que a data não passasse branco. Nas cidades próximas como Lagoa da Prata, Santo Antônio do Monte e Abaeté¹⁶, as celebrações nesse sentido. Já na cidade de Itaipicérica, a Folia de Reis Estrela de Ouro, saiu para cumprir seu giro mesmo com as orientações de não aglomeração, no fim de 2020 e começo de 2021¹⁷. O grupo Estrela de Ouro percorreu comunidades rurais como a Inácio Caetano e a da Palmeira, no município de

¹⁵ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.9, 1997.

¹⁶ Instagram do Moçambique de São Benedito em Lagoa da Prata-MG https://www.instagram.com/mocam_biquesaobenedito/, Congado Samonte, em Santo Antônio do Monte https://www.instagram.com/congadosamonte/?utm_medium=copy_link e Congado de Abaeté https://www.instagram.com/congadoabaete/?utm_medium=copy_link.

¹⁷ Gravação do segundo dia do Giro da Folia Estrela de Ouro. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ahLOmXVeAzY&ab_channel=LuizOtaviano%2CoEmbaixador. Acesso em 24/11/2021.

Itapecerica-MG. Percebo uma certa contradição ao se indicar tanto a necessidade de continuidade e permanência da tradição, sendo que não existem pessoas que possam trazer pensamentos inovadores dentro dos grupos.

A obra organizada por Hobsbawn e Ranger lida com a utilização de imagens que se referem a um passado longínquo, identificado à tradição, e seu uso para a integração social e legitimação institucional. Para os autores, tradição inventada é um conjunto de práticas que estabelece uma continuidade em relação a um passado histórico considerado apropriado pelos seus formuladores (Hobsbawn e Ranger, 2008:9). O mecanismo de tradição inventada – recurso por parte de grupos dominantes, submetidos ou emergentes – está sustentado na transformação de algo que é relativamente novo em algo que teria uma existência imemorial, ou que, no mínimo, se encaixa com uma tal antiguidade. (CERRI, 2011, p.33).

Para pensar a história da alimentação, partirei do artigo “A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa”, de Carlos Roberto Antunes dos Santos, o qual argumenta na linha de que os gostos alimentícios giram em torno de mudanças e permanências dos ciclos sociais, em que os sujeitos em questão estão inseridos. Em encontro com o que busco evidenciar, o autor argumenta que,

a História da Alimentação, que foi por muito tempo ignorada, principalmente pela historiografia brasileira, demonstra agora a sua vitalidade, pois diz muito sobre a educação, a civilidade e a cultura dos indivíduos.” (SANTOS, 2005, p.13).

Portanto, ao transportar essas memórias e narrativas sistematizadas, tanto pessoais quanto as mobilizadas pelos estudantes, para o ensino de história, viabilizará a percepção como sujeito histórico, ao compartilhar de uma memória individual e coletiva, tendo em vista a mobilização que a festa de encerramento da Folia de Reis causa na cidade. Sobre memória individual e coletiva, Michael Pollack pontua que em determinados momentos, ambas podem se fundir, sendo passível de sofrer “flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa.” (POLLACK,1992, p.204). Essa mobilidade, possibilita a construção da identidade social do indivíduo, que ao se perceber historicamente legitimado, se vê como parte indissociável do coletivo, no caso em questão, se identificando com a tradição cultural local.

Podemos, portanto, dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLACK, 1992, p.204).

Ao refletir sobre a apropriação identitária dos costumes locais por parte dos mais jovens, imaginando os procedimentos que anteciparão a aplicação do produto derivado desta dissertação, penso sobre a aplicabilidade dos parâmetros estabelecidos por Vânia de Lima na execução de sua aula-oficina. Em seu trabalho, defendido no programa do ProffHistória de Londrina/PR em 2018, com a proposta de tensionar as bases que estruturam a narrativa sobre sujeitos que a história consagra como fundadores da cidade, a autora coloca em questão como a inclusão de indígenas, mulheres e negros(as) pode criar maior associação de pertencimento no processo de ensino-aprendizagem. Essa estratégia, portanto, viabilizaria aos estudantes uma identificação maior com o coletivo, facilitando a apropriação do conhecimento histórico como parte integrante de sua vivência.

No mesmo ano de 2018, com sua dissertação também defendida no Mestrado Profissional em História, Joelma da Silva Santos em “Tradições Orais e Ensino de História na Escola Professora Carmina Gomes, no Ensino Fundamental II, em São Felix do Xingú – Pará”, também aborda as tradições orais dentro do ensino de história. Através do registro, por meio das metodologias da História Oral e das memórias de moradores de São Felix do Xingú, a autora entende que as narrativas colhidas fazem parte das identidades dos moradores e que ao levar esse conhecimento para o ensino de história, afasta a ideia de que a história está presa no passado. Ela também é feita e acontece no presente, e que assim como o conhecimento dos livros didáticos, a memória presente em uma localidade também tem muito a ensinar sobre sua história. Com isso, ao colher as histórias das lendas locais, transforma essas memórias em uma cartilha chamada “Histórias do Xingu”.

Refletindo sobre o ensino de história, processo de disciplinarização e instituição da disciplina como ciência no século XX, gerou uma falta de atenção dos profissionais para questões da Didática da História, ficando a cargo dos educadores como se aprendia e ensinava conteúdos históricos no ambiente escolar. “Enquanto em outros campos da História da Educação vêm avançando as pesquisas sobre as práticas escolares e a cultura escolas, é pouco o que se faz a esse respeito em relação à história do ensino de História.” (FONSECA, 2006, p.34). A autora Thais Nivea de Lima e Fonseca em seu livro “História & Ensino de História”, pontua que por mais que exista esse distanciamento entre pensar o ensino de História e a produção acadêmica, o tema não se coloca como marginalizado em relação às áreas de História e Educação.

Rafael Saddi em “Didática da história como sub-disciplina da ciência histórica” (2010), analisa “o processo de expulsão da Didática da História da Ciência Histórica, processo que foi caracterizado pela redução da Ciência História à metodologia da pesquisa e da Didática da História à metodologia de ensino.” (SADDI, 2010, p.66) O autor descreve, se apoiando em Jörn Rüsen, que com o gradual crescimento da demanda de se institucionalizar e profissionalizar a história, a importância da dimensão didática foi abandonada. “Ou seja, a História deixou de responder às necessidades práticas dos homens, perdendo a sua tarefa de ensino e aprendizado, para se dirigir exclusivamente ao grupo de pesquisadores especializados.” (SADDI, 2010, p.70).

Saddi também analisa como a Didática da História, posteriormente foi considerada como sub-disciplina da Ciência Histórica. A concepção de que por ser “didática” seria uma disciplina unicamente pedagógica, não deixou espaço para a noção interdisciplinar que traz consigo. Isso porque,

a Didática da História não lida simplesmente com a educação ou com o ensino, mas com o modo como as representações sobre o passado produzem compreensões do presente e projeções de futuro. Isto é, a Didática da História lida com a orientação temporal inerentemente produzida pela História. (SADDI, 2010, p.75)

Dessa forma, a partir da demanda por autoidentificação observada nas turmas as quais leciono, vejo que a Didática da História discutida por Rüsen, Saddi e Maria Auxiliadora Schimidt e suas respectivas contribuições para a didática da História (2017), se tornou indispensável para o papel do professor de história como mediador do conhecimento histórico que o/a estudante demanda, sendo eles os principais sujeitos do processo de aprendizagem. Ao explicitarem a falta de perspectiva em relação ao local onde moram, nesse momento estão evidenciando a consciência histórica que adquiriram até o presente momento. Ao acessarem uma experiência histórica cultural através da narrativa de sujeitos que podem ser seus conhecidos, vizinhos, até mesmo familiares, significa também se pensar como sujeito histórico, “e é com essas formas de pensamento organicamente ligados ao ato de narrar, que o ensino de História precisa se relacionar” (SCHMIDT, 2017, p.67).

3.2 Funcionamento da Folia de Reis

A Festa de Folia do Alto São Francisco aconteceu no dia 6 de agosto de 2022. Assim como os outros grupos de Folia, saíram para o giro no dia 25 de dezembro de 2021. A princípio, com os casos de Covid-19 diminuindo, a tradição iria seguir normalmente; o grupo

tocaria até o dia primeiro de janeiro e em seguida a festa seria agendada geralmente para o mês de fevereiro ou março. No entanto, no período após a finalização do giro, os casos de Covid-19 aumentaram novamente e festa precisou ser remarcada.

No dia 6 de agosto estive no galpão pela manhã, para conversar com quem estivesse auxiliando a preparação das comidas e para fazer registros. O preparo dos alimentos é feito de forma a lembrar a comida de roça, de interior, de fogão a lenha. As trempes são montadas na área externa do galpão, feitas de tijolo e barro para dar liga. (foto). Outras são feitas com cupinzeiros, que são as casas que os cupins constroem para si. (foto cupinzeiro e foto trempe de cupim). A lenha é o combustível para as trempes, e é necessária uma sabedoria para realizar o manejo do fogo de forma adequada para cada fase de preparo.

Na cozinha, em torno de 15 mulheres enfileiradas picando temperos e batatas, lavando louças, separando pedaços de carne. Os homens auxiliam no manuseio dos tachos e dos panelões e na fritura das carnes. Muitas que estão ali auxiliam na cozinha da festa a muito tempo, a mais antiga delas, Dona Lia, me conta sobre a comida servida; arroz, tutu de feijão, macarrão colorido (com molho de tomate), carne de porco, vaca ou frango e quando sobra muita borra da fritura das carnes vermelhas, fazem farofa. Inaura me relatou a insatisfação de alguns em relação ao período de realização da festa. Servir o doce de leite junto com o doce de mamão faz parte do cardápio tradicional da festa.



Foto 10 – Doces de leite e de mamão / Fonte: Arquivo Pessoal

No entanto, aqui na região, com o inverno vem a seca nos pastos e afeta a produção de leite bovino. Um fazendeiro que doaria 30 litros de leite em janeiro, em agosto está doando 10 litros. Com isso, em vez de colocarem o doce para servir à vontade, foi necessário distribuir em pequenos copos plásticos. Ela ainda manifesta que receberam muita carne de frango e que foi prometido uma vaca, mas no fim não deram. Ainda manifesta preocupação em desagradar quem virá prestigiar a Folia e saborear a refeição a noite, em relação a eventualidade da falta de leite e de carne de vaca.

No início da noite, o grupo de Folia de Reis do Alto São Francisco chega ao galpão onde acontecerá a festa. Do lado de fora foram montados três arcos e os foliões cantam três versos passando por cada arco, em referência aos três reis magos. As cozinheiras formam de mãos dadas, um corredor em volta do grupo, de forma a isolá-los dos que assistem, seguindo em direção às duas mesas montadas já com as bacias e panelas com as comidas a serem servidas. O grupo saúda as comidas e em seguida saúdam as coroas, que são os festeiros. *foto. Exclusivamente neste grupo, é saudado também o São Benedito, representado por um dos integrantes, que é responsável por proteger as coroas dos festeiros e decidir para quem elas vão, ou seja, decidir quem serão os próximos festeiros.



Foto 11 – Batatas e macarrão esperando para serem servidos / Fonte: Arquivo pessoal

Após a saudação aos festeiros e ao São Benedito, a comida já começa a ser servida e essa é outra particularidade da festa dessa Folia. Nas festas dos demais grupos da cidade, a

comida só é servida quando finaliza a reza do terço. A reza do terço, nada mais é do que rezar um pai nosso completo em cada conta do rosário, durando em média trinta minutos.



Foto 12 – Folia do Alto São Francisco chegando ao galpão da Festa / Fonte: Arquivo Pessoal

De acordo com Luzimar Paulo Pereira, entre os significados da palavra *folia*, podemos atribuir significado a ela como sendo a

“(...) realização de longas jornadas festivas, quando grupos de cantadores e instrumentistas visitam, durante um período de tempo determinado pelo calendário religioso, as casas, as fazendas, os cemitérios e as igrejas de um território previamente estabelecido. As jornadas são conhecidas como *giros das folias*. Nelas, os grupos se deslocam para coletar, em nome de cada um dos santos aos quais os festejos são organizados e de seus principais patrocinadores (os imperadores), as oferendas necessárias e obrigatórias ao custeio de uma reza a ser realizada no dia dedicado à divindade homenageada. Em troca do que é recolhido – dinheiro, velas, fogos de artifício, sacas de arroz, feijão, animais de criação, etc. –, eles distribuem bênçãos aos doadores, além de auxiliá-los no cumprimento de suas promessas e contribuir para que almoços, jantares e bailes sejam oferecidos em suas passagens. (PEREIRA, 2009, p.14).

Todos os grupos de Folia de Reis em Iguatama têm a mesma estrutura: instrumentistas e o palhaço. Dentro do grupo dos instrumentistas, aquele que geralmente é o capitão do grupo, canta os versos e os demais entoam o coro posterior. Em todos os versos que o capitão canta, os demais integrantes entoam o coro em seguida, até findar os versos.

“Foi o Anjo que avisou
 Os Três Reis do Oriente
 Que era nascido lá em Belém
 Um só Deus onipotente (verso 1)

Ô ôoooo (coro)”

Esses grupos saem a partir do dia 25 de dezembro, data em que se comemora o nascimento de Jesus Cristo, e andam até dia 31 de dezembro. Dentre os grupos de Iguatama, apenas a Folia da Boa Vista que faz seu giro a partir do dia 1 de janeiro até 6 de janeiro. Luzimar Paulo Pereira, em sua tese de doutorado referenciada na citação acima, chama de *imperadores*, “(...) os patrocinadores dos festejos, para quem os foliões estão a “trabalho” (...)” (PEREIRA, 2009, p.14), em Iguatama eles são reconhecidos como festeiros. Todo ano uma pessoa, um casal ou uma família, fica responsável por recolher as ofertas recebidas pelos foliões em seus giros, e no fim organizar a festa de encerramento. De forma geral, quem se dispõe a ser festeiro de determinada Folia, teve ou busca ter alguma graça alcançada, com base na fé depositada nos Três Reis Santos, ou também como é denominado, na bandeira da Folia.

Marcell Mauss afirma em “*Ensaio sobre a dádiva*” o caráter voluntário no ato de dar e receber nas sociedades arcaicas, designando essa dinâmica como fenômeno social total. No que diz respeito aos foliões, ainda que o período em que o grupo sai para o giro seja fim de ano, a sua grande maioria trabalha, são “fichados” como a maioria se autodenomina. Alguns organizam suas férias para esse período, outros saem para o giro apenas nos dias de fim de semana, mas o grupo sempre se organiza para tentar. Portanto, o que se espera com o fenômeno é o fortalecimento da fé, a solicitação de bençãos, ou a retribuição de graças alcançadas.

Nesses fenômenos sociais “totais”, como nos propomos chama-los, exprimem-se, de uma vez só, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam. De todos esses temas muito complexos e dessa multiplicidade de coisas sociais em movimento, queremos considerar aqui apenas um dos traços, profundo, mas isolado: o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e no entanto obrigatório e interessado, dessas prestações. Elas assumiram quase sempre a forma do regalo, do presente oferecido generosamente, mesmo quando, nesse gesto que

acompanha a transação, há somente ficção, formalismo e mentira social, e quando há, no fundo, obrigação e interesse econômico. (MAUSS, 2003, p.187).

Quando o giro está acontecendo, e os grupos de Folia estão visitando as casas, tocando e recebendo as ofertas e doações, alguém do grupo fica responsável por anotar o que é ganhado em cada parada; 1 saco de arroz, 15 litros de leite, 5 pacotes de macarrão ou contribuição monetária. Essa lista, ao findar os dias de giro, é passada para o festeiro responsável, a festa é agendada e algumas semanas antes da data, as doações são recolhidas. Eu e meu esposo, Marco Tulio, nos conhecemos em um encontro para organização de uma Associação de Congado, aqui em Iguatama. No fim das contas, a Associação não se concretizou, porém nos unimos, e posteriormente tomei conhecimento da sua história dentro das Folia de Reis da cidade. Em incontáveis conversas, formalizei uma delas, em formato de uma pequena entrevista, em que ele me autorizou relatar aqui. Ele é uma pessoa de muita fé nos Três Reis Magos. Acredita no poder das bençãos que são concedidas por eles. Sua história na Folia de Reis começou ainda na infância.

“Eu comecei a tocar Folia na Folia do ‘Chatuba’, uma Folia que tinha no bairro, ali no Pombal, eu e meu irmão, o João Vitor. Ai depois o ‘Chatuba’ frequentava muito roça e eu, nós não “podia”, era muito novo nós não ia pra roça ai nós foi pra Folia do Jiló. Essas duas Folias já não existe mais dentro da Iguatama, até que eu cheguei na Folia do sr. Idelcio Pacheco, que por conta da pandemia não saíram no ano passado, então eu fui ajudar a Folia do sr. Carlinho que é a das Perdizes, até então eu toco na Folia do Sr. Carlinho agora.”

No fim do ano passado, com o avanço da vacinação contra a COVID-19, as Folias começaram a se organizar para realizar seus respectivos giros. No entanto, a Folia do Pacheco não saiu e questiono o motivo.

“O motivo maior foi a falta de folião. Com a pandemia, muita gente ficou com medo de sair, porque tava no pós pandemia ainda né, não tinha passado totalmente e as pessoas que tocam Folia já são de idade. Então eles ficaram com medo de sair e por isso não saiu, mas estão vendo se vai sair esse ano.”

Sobre a Folia ser predominantemente um espaço familiar questiono: Como você observa as relações de parentesco dentro da Folia?

“Eu acho que envolve muito família e o que vem acabando com elas é isso, porque não deixam terceiros chegar. Fica passando de vô para neto, de neto para filho aquela mexida e os que teriam oportunidade de chegar e dar continuidade não tem abertura e por isso então as Folias de Reis vem acabando.”

Sobre a festa questiono: Vamos falar sobre a festa; quais são as obrigações do festeiro?

“A obrigação do festeiro é de fazer a festa né. “Nós chama” o festeiro de pagador de promessa. Sempre quem pega a festa é alguém que recebeu uma graça muito grande e essa pessoa para pagar essa graça faz a Festa de Santos Reis. Ele tem que organizar o dia da Festa. A Folia sai, junta os mantimentos e ele faz a festa. Ele convida os cozinheiros pra ajudar ele a fazer a festa. Ele organiza os enfeites. Ele programa todo o cronograma da comida é por conta dele, ele que tem que fazer isso tudo.”

Sobre o caminho do giro e o máscara: Quem define a rota da Folia? “O que o máscara representa?

“É o capitão. Tem todo um processo antes da saída da Folia, o capitão anda de casa em casa, pra saber onde vai almoçar onde vai jantar e ali ele faz o roteiro onde a Folia vai passar perante os sete dias. Agora o máscara, o que foi me ensinado é que o máscara representa lá na frente da bandeira, primeiro ele protege a bandeira, ele é o guardião da bandeira, muita gente chama ele de guardião da bandeira; e também ele representa o Heródes, que o Heródes mandou seus soldados buscar Jesus na época em que ele nasceu, o menino Jesus, para sacrificar ele, porque o pessoal já tava chamando ele de Rei, que o Rei tinha nascido.”



Foto 13 – Palhaço da Folia do Alto São Francisco / Fonte: Arquivo Pessoal

Elenquei as questões mais importantes que conversamos, no entanto sempre recorro a ele em perguntas informais sobre toda a dinâmica da Folia. Ele tem a sabedoria e a atenção no movimento de quem frequenta a muitos anos. Sempre se comporta de forma proativa, para não deixar a tradição findar na história da cidade.

4. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

4.1 Saberes e Sabores: A Festa de Folia de Reis na Escola

A seguinte sequência didática, produto oriundo desta dissertação, tem como o principal objetivo seja demonstrar a potencialidade de aprendizado que a culinária da festa de Folia de Reis tem para o ensino de história local, na cidade de Iguatama. Diante das percepções dos estudantes, que relatei no decorrer do texto, é esperado também que eles se compreendam “(...) como um sujeito histórico ativo e capaz de provocar mudanças na comunidade que o cerca, encontrando, na disciplina História, respaldo para seu pertencimento e relevância como tal.” (ZACHEU, 2015, p.6). Para isso, é importante contextualizar a Folia como uma manifestação cultural organizada, desde a sua saída até a culminância da Festa.

A sequência foi estruturada para atender o objetivo de conhecimento “Pluraridades e diversidades identitárias na atualidade” presente na grade da disciplina de História do 9º ano, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), contemplando a habilidade (EF09HI36) que consiste em “Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência” (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR).

Para estruturar a sequência didática utilizei como inspiração o produto da dissertação de Sarah Satsuki Oliveira Nakano intitulada “Cantos e Contos do Reinado: O acesso ao texto literário por meio das memórias da cultura afro-brasileira”, defendida no Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e o produto educacional apresentado por Aline Aparecida Pereira Zacheu para o programa de Pós Graduação em Docência para a Educação Básica da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. Zacheu utiliza de três autores para apresentar sua metodologia: Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly, onde definem que, “Uma "sequência didática" é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.96).

Para a elaboração da sequência, propõem uma metodologia que consiste em apresentar inicialmente a situação, a produção inicial, os módulos de atividades e a produção final. Os gêneros textuais utilizados pelos estudantes serão tanto o oral, quanto o textual e ainda me arrisco a criar o gênero sinestésico, que vai consistir na experiência de cozinhar, experimentar a comida, construir ou identificar a própria identidade através do preparo e degustação dos pratos típicos da Festa de Folia de Reis.

Após uma apresentação da situação na qual é descrita de maneira detalhada a tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar, estes elaboram um primeiro texto inicial, oral ou escrito, que corresponde ao gênero trabalhado; é a primeira produção. Esta etapa permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades e exercícios previstos na seqüência às possibilidades e dificuldades reais de uma turma. Além disso, ela define o significado de uma seqüência para o aluno, isto é, as capacidades que devem desenvolver para melhor dominar o gênero de texto em questão. Os módulos, constituídos por várias atividades ou exercícios, dão-lhe os instrumentos necessários para este domínio, pois os problemas colocados pelo gênero são trabalhados de maneira sistemática e aprofundada. No momento da produção final, o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os progressos alcançados. A produção final serve, também, para uma avaliação de tipo somativo, que incidirá sobre os aspectos trabalhados durante a seqüência. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.98).

Aula 1 – Apresentação do projeto “Saberes e Sabores: Festa de Folia de Reis na Escola” para a turma

Objetivo

Promover o primeiro contato dos alunos com o tema, buscando levantar questionamentos a fim de conhecer o que sabem a respeito da festa, o que já ouviram dizer, qual a importância para a cidade e para cada um, estabelecendo, através da pesquisa, um diálogo com as pessoas com as quais convive. (NAKANO, 2019, p.43)

Material utilizado

Caixa de som para tocar a música “25 de dezembro” da banda Trio Parada Dura.

Fornecer a letra impressa para os estudantes.

25 de Dezembro
Trio Parada Dura

25 De dezembro
Quando o galo deu o sinal
Que nasceu o Menino Deus
Numa noite de Natal

A estrela do oriente
 Fugiu sempre dos Judeus
 Pra avisar os três Reis Santos
 Que o Menino Deus nasceu

Os Três Reis quando souberam
 Viajaram sem parar
 Cada um trouxe um presente
 Pro Menino Deus saudar

Nesse instante no ranchinho
 Brilhou a estrela-guia
 Visitou todos os presentes
 Onde o Menino dormia

Deus que salve a Casa Santa
 Onde é sua morada
 Onde mora o Deus Menino
 E a Hóstia Consagrada

Duração

Uma aula (50 minutos).

Metodologia

Iniciar a aula com a reprodução da música e posteriormente questionar os estudantes a respeito do tema. (30 minutos)

- 1) Vocês já haviam escutado essa música?
- 2) Do que ela fala?
- 3) Vocês conhecem os grupos de Folias de Reis da cidade?
- 4) Conhecem alguém que faz parte de algum grupo?
- 5) Sabem me dizer quais são os processos que a Folia de Reis cumpre até a realização da festa?
- 6) Quais são as comidas servidas no dia da festa?
- 7) Quem são as pessoas que fazem a comida?
- 8) Quais instrumentos e/ou eletrodomésticos são utilizados para o preparo da comida?
- 9) Vocês acreditam que é possível aprender história com a comida da festa?

Solicitar que se dividam em 5 grupos e sortear uma estrofe para cada grupo desenhar em uma cartolina para, posteriormente ser exposta. A atividade proposta para a aula seguinte será que, os mesmos grupos realizarão uma pesquisa, para ser apresentada em forma de

debate e entregue de forma escrita, sobre a organização dos grupos de Folia de Reis, seguindo o roteiro proposto. (20 minutos)

Roteiro: Quantos e quais são os grupos de Folia de Reis existentes na cidade, organização do grupo, quem pode participar, quais instrumentos são tocados, como se dá a escolha dos festeiros, quais são os cantos, quais são as doações para a organização da festa, comida típica da festa, quem cozinha, como se cozinha os alimentos e diferença de sabores de uma comida do dia a dia em relação a comida da festa.

Aula 2 – Debate

Objetivo

Mediar a participação dos estudantes, guiando a discussão os tópicos orientados no roteiro de forma linear seguindo os acontecimentos, desde a saída do grupo de Folia até a realização da Festa, questionando as informações colhidas.

Duração

40 minutos.

Metodologia

Organizar as carteiras dos estudantes em círculo ou meia lua, de forma que todos possam se ver enquanto falam. Orientar que enquanto um fala os outros escutam, para que todos possam ouvir e serem ouvidos.

Após o debate, será apresentada a atividade da aula seguinte. Cada grupo ficará responsável por convidar duas pessoas para participar da próxima aula que também será um debate, só que dessa vez mediado por um integrante escolhido pelo próprio grupo. Um convidado(a) deve fazer parte do grupo da Folia, seja cantando ou tocando e o(a) outro(a) deverá ter feito parte da cozinha da festa, seja cozinhando ou auxiliando de alguma maneira. (10 minutos)

Aulas 3 e 4 – Debate com convidados

Objetivo

É esperado que cada mediador escolhido pelo grupo seja capaz de guiar o debate com os convidados, seguindo previamente o roteiro do debate anterior. A presença e a fala de pessoas ligadas à Folia de Reis e à Festa traz um caráter mais representativo, possível de se

fortalecer a identificação com a tradição local, tendo em vista que são pessoas próximas, vizinhos, conhecidos ou familiares.

Duração

100 minutos.

Metodologia

Organizar as carteiras dos estudantes em círculo ou meia lua, de forma que todos possam se ver enquanto falam. O debate se organizará em duas etapas, sendo que primeiramente os(as) convidados(as) que são integrantes dos grupos realizarão suas falas, durante aproximadamente 40 minutos, e em seguida os(as) convidados (as) que participam da cozinha estarão com a palavra.

Ao terminar o tempo de debate, será sorteado para cada grupo um prato que é servido na festa, que os integrantes ficarão responsáveis de trazer pronto, uma quantidade que atenda a demanda do número de pessoas da turma, para uma degustação da turma. Serão 5 pratos; arroz, tutu de feijão, macarrão, carne com batatas e o doce de leite ou de mamão, sorteados para os 5 grupos. Seguindo o que foi aprendido com as falas sobre a cozinha e a comida da Festa, os grupos serão orientados a reproduzirem o prato sorteado de forma igual ou similar a forma que foi relatado durante o debate. (20 minutos)

Aulas 5 e 6 – Festa de Folia da Escola e autoavaliação

Objetivo

Degustar todos os pratos em conjunto, identificar diferenças no preparo festivo e no preparo diário. Através da autoavaliação que será feita de forma oral e também escrita, buscar compreender o que foi aprendido pelos estudantes, se através de todo o ciclo de atividades, eles concluem que a culinária da Festa de Folia de Reis, a partir do enfoque proposto, conseguiu transmitir essa sensação de identidade e pertencimento.

Duração

100 minutos.

Metodologia

As comidas serão dispostas na sala de aula, sendo o(a) professor(a) responsável por

levar pratos e talheres plásticos. Os primeiros 50 minutos serão destinados a degustação dos pratos em conjunto. Um prato será composto por arroz, tutu de feijão, macarrão e carne, sendo o doce servido a parte. Nos 50 minutos seguintes, os estudantes se organizarão para a realização da autoavaliação. O professor questionará: como foi a preparação do prato, quais as técnicas que utilizaram, os temperos e quanto tempo durou. Se acreditam que a sensação que acabaram de ter, é a mesma comendo no dia da festa, para aqueles que já frequentaram Festa de Folia, se aprenderam e o que aprenderam sobre história local e se todas as atividades fortaleceram de forma positiva o pertencimento com a cidade e com a cultura local. Por fim, pedir que seja feito em que o(a) estudante descreva com suas próprias palavras o que foi discutido anteriormente, com suas próprias percepções.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando esse longo percurso de estudos, leituras, participação, escuta interna e escuta externa, posso concluir que o aprendizado acontece em locais e momentos em que, muitas vezes, não imaginamos. Os ambientes de ensino são múltiplos e diversos. Para chegar a essa conclusão, foram mobilizadas leituras interdisciplinares que juntas sustentam um ponto de vista inovador dentro do Ensino de História em conjunto com a História da Alimentação, com a construção da Identidade e da mobilização da Memória de um grupo.

Espero colocar em prática a minha própria sequência didática, e em um trabalho futuro discorrer de forma positiva o resultado obtido. Também espero que muitos professores e professoras se inspirem, e elaborem materiais melhores a partir do meu. O ensino é uma colcha de retalhos, onde cada um costura um pouco, de acordo com seus limites e possibilidades. A sequência didática utiliza meios verbais, textuais, culinários e autorreflexivos para chegarmos a uma conclusão junto aos estudantes, fortalecendo um processo educacional mais autônomo, buscando alcançar o aprendizado na vivência prática.

Finalizo esse trabalho com um pouco mais de esperança. Nós educadores somos artistas. Em tempos em que julgavam a docência dispensável, foi necessário que uma situação de isolamento chegasse para entendermos a necessidade de nos reinventar a cada instante para que nossa profissão possa fazer sentido para nossos alunos e para nós mesmos.

REFERÊNCIAS

- ARÓSTEGUI, Julio. **Tempo e História**. In: _____. *A pesquisa histórica: Teoria e método*. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **Comida é arte, cultura é arte, conhecimento também é arte: primeiros passos para um esboço de arte, gastronomia e educação para além da alma**. *Revista Latino-Americana de História*, vol. 08, nº. 22 – ago./dez. de 2019.
- BERTOLINI, Bruna Lais. TÖWS, Ricardo Luiz. Desafios Educacionais no Brasil em Tempos de Ensino Remoto. Congresso Educacional de Educação e Tecnologias. Encontro de Pesquisadores de Educação a Distância, UFSCAR, 2020. Disponível em: < <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/download/1263/942/> >. Acesso em 12/10/2022.
- BOSSLE, F.; NETO, V. M. **No olho do furacão: uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre**. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 31, n. 1, p.131-146, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo – Um estudo sobre a religião popular**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CAMPOS, Djalma Garcia. **Iguatama; história e genealogia**. Belo Horizonte, I. Oficial, 1983.
- CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- CHANG, Heewon. **Autoethnography as method**. Walnut Creek, CA: Left Coast, 2008. Disponível em: < https://www.academia.edu/1244871/Autoethnography_as_method > Acesso em: 04/01/2022.
- DE PORTO REAL A IGUATAMA: **A história de uma escola que sempre fez história. Escola Paula Carvalho**. Iguatama, 2012. Disponível em: < <http://escolapaulacarvalho.blogspot.com/> >. Acesso em 28/08/2022.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. E Org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
- ELLIS, C. & BOCHNER, A. P., 2000. **Autoethnography, personal narrative, and personal reflexivity**. In: Denzin, N. & Lincoln, Y., 2000. *Handbook of qualitative research*. 2nd ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 733-768.
- FONSECA, T. N. L., Angelo, F. V. M., & Oliveira, H. C. **Fontes processuais e educação não escolar na América portuguesa: Minas Gerais no século XVIII. (2022)**. *Revista Brasileira de História da Educação*, 2022. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/4MP7Gv7VFzcyjwPnXJYGBdmC/?lang=pt> >. Acesso em 22/08/2022.

- FONSECA, Thais Nivia de Lima e. **História e Ensino de História**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP & A Editora, 11 ed. Rio de Janeiro, 2006.
- HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HORTA, Ana Paula Santos. **Os Reis da Canastra: os sentidos da devoção nas folias**. 2011. 113 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, 2011.
- KASCHER, Renata Coutinho. **Filho de Iguatama e patrono da Escola Paula Carvalho; Conheça Dr. José Antônio de Paula Carvalho**. Iguatama Agora, Iguatama, 21/10/2021. Disponível em: <<https://www.iguatamaagora.com.br/noticia/2123/filho-de-iguatama-e-patrono-da-escola-paula-carvalho-conheca-dr-jose-antonio-de-paula-carvalho>> . Acesso em: 20/08/2022.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MONTEIRO, Livia Nascimento. **A origem mítica das festas de Congada e as memórias da escravidão no tempo presente em Minas Gerais**. Revista OQ, v.3, nº.3, 2016.
- NAKANO, Sarah Satsuki Oliveira. **Cantos e Contos do Reinado: O acesso ao texto literário por meio das memórias da cultura afro-brasileira**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Mestrado Profissional em Letras, UFMG, 2019.
- OLIVEIRA, Tiago Fávero. **Projeto Somar: Diminuindo o público e multiplicando o privado no Ensino Médio em Minas Gerais**. Trabalho Necessário, V.20, nº42, 2022 (maio-agosto). Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/53419/32474>> Acesso em 12/10/2022.
- PEREIRA, Luzimar Paulo. **Os Giros do Sagrado: Um Estudo Etnográfico Sobre as Folias em Urucuia-MG**. Tese (doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia.UFRJ/IFCS, Rio de Janeiro, 2009.
- PEREIRA, Thais Amaral da Silva. **Entre a tradição e a modernidade: permanências e transformações nos registros memoriais das folias de reis do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, 2017.
- POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- PRANDI, Reginaldo. **As religiões negras do Brasil**. Para sociologia dos cultos afrobrasileiros. São Paulo: **Revista da USP**, 1996. p. 63-83. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i28p64-83>
- RANKE, Leopold von. **O conceito de história universal (1831)**. In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *A História pensada: Teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.

RÜSEN, Jörn. **Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão.** In: _____. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Organização de Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca e Estevão de Rezende Martins. Curitiba: Editora da UFPR, 2010.

SADDI, Rafael. **Didática da História como subdisciplina da ciência histórica.** *História & Ensino*, Londrina, v.16, n. 1, 2010. <https://doi.org/10.5433/2238-3018.2010v16n1p61>

SANTILLI, Juliana. **O reconhecimento de comidas, saberes e práticas alimentares como patrimônio cultural imaterial.** *Demetra - Alimentação Nutrição e Saude*, vol.10, nº. 3 – 2015. <https://doi.org/10.12957/demetra.2015.16054>

SANTOS, C. R. A. dos. **A alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa.** *Revista História: Questões & Debates*, Curitiba, n.42, p.11-31, 2005. Editora UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/4643>. Acesso em 15/08/2020. <https://doi.org/10.5380/his.v42i0.4643>

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da História.** *Intelligere*, Revista de História Intelectual, v. 3, n. 2, out. 2017. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9020.intelligere.2017.127291>

Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Projeto Mãos Dadas**, 2021. Disponível em: < <https://www2.educacao.mg.gov.br/mapa-do-site/cidadao/projeto-maos-dadas> >. Acesso em 12/10/2022.

Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Projeto Somar**, 2022. Disponível em: < <https://www2.educacao.mg.gov.br/mapa-do-site/cidadao/projeto-somar> >. Acesso em 12/10/2022.

SHUSTERMAN. Richard. **Consciência Corporal.** São Paulo: Editora Realizações; Edição: 1ª. 2012.

SILVA, Agostinho da. **Pólicles.** In: _____. *Filosofia enquanto Poesia: Sete cartas a um jovem filósofo, Conversação com Diotima, Filosofia nova e outros escritos*. Organização de Amon Pinho. São Paulo: É Realizações, 2019.

THOMPSON, P. **A transmissão cultural entre gerações dentro das famílias: uma abordagem centrada em histórias de vida.** *Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, p. 9-19, 1993.

VACCARI, Ulisses. **O fim da estética e a nova crítica de arte em Benjamin.** *Kriterion: Revista de Filosofia* 59 (139). Jan-Abr, 2018. <https://doi.org/10.1590/0100-512x2017n13915uv>

VASCONCELOS, Ana Carolina. **Em MG, educadores criticam projeto de Zema de municipalização de escolas.** *Brasil de Fato*, 2022. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2022/06/27/em-mg-educadores-criticam-projeto-de-zema-de-municipalizacao-de-escolas> > Acesso em 12/10/2022.

ZACHEU, Aline Aparecida Pereira. **Proposta de uma sequência didática que trate da história rural do Brasil e da formação da consciência histórica.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2015.

ANEXOS

Anexo A – Material da aula sobre patrimônio

Oficina de leitura de documentos históricos:
objetos culturais e as imagens que formamos de nós mesmos

Escola Estadual Paula Carvalho
Verônica Garcia Simões

Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar sobre ele.
(Marc Bloch)



Selo postal produzido pela Empresa Brasileira de Correios, em 2011, como parte da série Cidades Históricas, em homenagem ao tricentenário das cidades históricas Ouro Preto, Mariana e Sabará-MG, e aos 400 anos de Mogi das Cruzes-SP. Fonte: <http://www.selosefilatelia.com/PastaNoticias/not044.html>

Questões iniciais: Como você vê a cidade que você vive? Quais imagens você colocaria em um selo comemorativo de Iguatama? Faça uma representação de um selo da cidade de Iguatama. Você acha que uma imagem sempre representa a realidade ou ela representa os interesses de quem a produziu? Comente. Seria possível uma única imagem representar toda a realidade da cidade?

Para responder a essa pergunta, siga este roteiro de análise da imagem:

- 1- Quando e onde o selo foi produzido? Por quem? Por qual motivo? Em que espaços irá circular? Por que escolher a cidade de Ouro Preto?
- 2- Que elementos da cidade de Ouro Preto foram destacados na imagem? Você acredita que toda a cidade está representada nessa imagem? Quais seriam os motivos dessa seleção? Você considera que essa imagem transmite a realidade de Ouro Preto, ou ela esconde outras realidades?
- 3- Essa imagem representa o passado ou o presente de Ouro Preto? Comente.

- 4- Com base na imagem que simboliza Ouro Preto, quais imagens simbolizariam Iguatama?
- 5- Essa imagem influencia seu olhar para quais aspectos da realidade?

Agora, retome as questões iniciais. Como você as responde?

Fonte: Arquivo Pessoal

Anexo B – Respostas escritas por estudante

1) 2011, pela Empresa Brasileira de Serviços - Lucimar S. de Jesus. Em homenagem ao tricentenário das cidades históricas, Ouro Preto, Mariana e Sabará MG. Os lugares turísticos, porque é uma cidade histórica.

2) A mineração de ouro, o picó do Escalameu, a praça de Lindalva é o Museu da Inconfidência. Não, mas são os pontos turísticos, ela recorda outras realidades.

3) O passado é o presente, a mineração é o passado e os museus é o presente.

4) A ponte de ferro, a casa da ponte, o Rio São Francisco, a Igreja matriz e a Lavra.

5) Aqui aconteceu muita coisa boa e ruim antigamente.

6) Uma cidade que não é aproveitada, que não guarda o seu devido valor, a Igreja matriz, representa os interesses, sim.

Fonte: Arquivo Pessoal

Anexo C – Respostas escritas por estudante

- 1 - Empresa Brasileira de Cazaes, em São Luiz do Pato, em homenagem as tricesenários das cidades históricas (Itaipava)
 - 2 - O museu da Inconfidência, a praça central, o ouro e as casas antigas. Não, eles escolheram as partes mais importantes da cidade, na minha opinião eles não retratam a encenação das coisas de ouro, pois mostram a realidade das pessoas pobres, com as tentativas das igrejas.
 - 3 - Ruínas do dia, pois a batuta o ouro representa a antiguidade, mas época de extração de ouro e as igrejas também pois representam a quanto da era o ouro político mais rico da época. O museu é mais mais retrata o antigo e a feirinha que tem várias mercadorias de São Pato
 - 4 - A casa, o Rio São Francisco, a ponte velha, casarões e a igreja
 - 5 - Os aspectos da realidade de uma cidade histórica.
 - 6 - Questões iniciais
- Seja uma cidade que se afunda cada dia mais, as mesmas representadas na questão 4, representa os interesses de quem a produziram.

Anexo D - Respostas escritas por estudante

1) Empresa Brasileira de Correios, em 2011 em Ouro Preto Ms. Luciano B. de Jesus. Pra quem morar os 300 anos da cidade. Correio, porque é uma cidade bonita e histórica.

2) Museu da Confidência, Praça Central, a Igreja e o Ouro. Não tem nem os lugares mais bonitos da cidade, ela esconde outras realidades.

3) Os dois, pois essa imagem já tem um tempo mas ainda permanece aqui no presente.

4) Laranjeira, Rio São Francisco, Igreja, Pousada, Terreno, Biblioteca, etc.

5) Que ela é antiga

6) Uma atrasada, não tem lugares pra sair direito, não é uma cidade muito bonita, a igreja acaba com o calado da frente, etc. Igreja e Laranjeira. Os interesses de quem a produziram. Não

Anexo E – Respostas escritas por estudante

- É circular em caráter,
- 1) Oluciomar S. de Jesus, em 2011, para dimensionar as coisas de Ilheus Preto / MG, lembrando que são anos.
 - 2) Nem todo, eles procuram destacar as principais mais conhecidas por todo, ela poderia estar relacionada a alguns anos, porém é a mesma cidade. Ai mostra o museu e a praça central, lembrando algumas realidades.
 - 3) O passado e o presente, a cidade ocorreu algumas modificações, mas é a mesma continuando as coisas históricas e antigas.
 - 4) Igreja, cantina, feiras, Rio São Francisco.
 - 5) Algumas coisas importantes, e históricas.
 - 6) Nem sempre o passado preserva as realidades, uma cidade antiga.
 - Eu vejo a minha cidade um pouco diferente, desvalorizada, desdenhando na aparência; e as qualidades de vida na medida do possível, como sendo uma cidade pequena, poucas escolas e poucas realizações, fazendo as pessoas desvalorizá-las.

Fonte: Arquivo Pessoal